

O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis - Almeirim, Santarém

João Luís Cardoso*
António Faustino Carvalho**
Juan Francisco Gibaja Bao ***

Resumo Confirmado no âmbito de um projecto de prospecção arqueológica visando o estudo da ocupação romana da área, o sítio de Cortiçóis foi objecto de recolhas de superfície extensivas e de escavação, em Setembro de 2010. Destes trabalhos resultou a constatação de que o sítio se encontrava profundamente afectado pelo plantio de uma vinha.

Porém, o numeroso conjunto artefactual recuperado é testemunho de uma ocupação (ou sucessão de ocupações) neolítica no local, datável, pela estilística cerâmica, de finais do V milénio a.C. (a acidez do depósito arenoso impediu a preservação de matéria orgânica). A importância particular deste sítio pode resumir-se a três aspectos principais:

1) Fornece a primeira evidência de ocupação neolítica na margem esquerda do Vale do Tejo imediatamente a norte dos concheiros mesolíticos de Muge, revelando o tipo de implantação e povoamento de que se poderá ter revestido este período na região.

2) A sua cultura material, muito diversificada do ponto de vista da estilística das ornamentações cerâmicas, permite o estabelecimento de paralelos com sítios seus contemporâneos de todo o território estremenho mas evidencia particularismos que parecem indicar uma realidade própria.

3) A análise traceológica de suportes lamelares em sílex permitiu o reconhecimento de “elementos de foice” usados na ceifa de cereais. Trata-se da primeira identificação objectiva, no território português, de um conjunto de tais artefactos cuja tipologia se insere no padrão andaluz e, por consequência, permite concluir que a agricultura neolítica (pelo menos no centro de Portugal) terá sido semelhante à já documentada naquela região espanhola.

Abstract Discovered in the context of a field survey project aiming the study of the Roman occupation in the area, the site of Cortiçóis was subjected to surface collections and excavation in September 2010. These tasks permitted to conclude this site was deeply affected by the plantation of a vineyard.

However, the abundant artefactual assemblage that was recovered is testimony of a Neolithic occupation (or successive occupations) at the site, which is datable to the end of the 5th millennium BC according to its ceramic typology (the acidity of the sandy deposit prevented the preservation of organic materials). The particular importance of Cortiçóis can be summarized in three main aspects:

1) It furnishes the first evidence of Neolithic occupation on the left banks of the Tagus valley immediately north of the Mesolithic shell middens of Muge, revealing the type of location and settlement that may had been characteristic of period in the region.

2) Its material culture, with very diversified pottery styles, allows the establishment of parallels with coeval sites across the Estremadura region but shows particularisms that seem to point to a local entity.

3) Use-wear analysis of flint bladelets has permitted the recognition of “sickle implements” used in cereal harvesting. This is the first objective identification in Portuguese territory of an assemblage of such type of artefacts. Their typology is typical of the Early Neolithic in Andalusia and, as a consequence, it allows to conclude that Neolithic agriculture (at least in the centre of Portugal) may had been similar to the one already documented in the mentioned Spanish region.

*Professor Catedrático da Universidade da Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).
Cardoso18@netvisao.pt

**Professor Auxiliar da Universidade do Algarve (Faro).

***Investigador do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Barcelona, Espanha).

1. Circunstâncias e natureza da descoberta

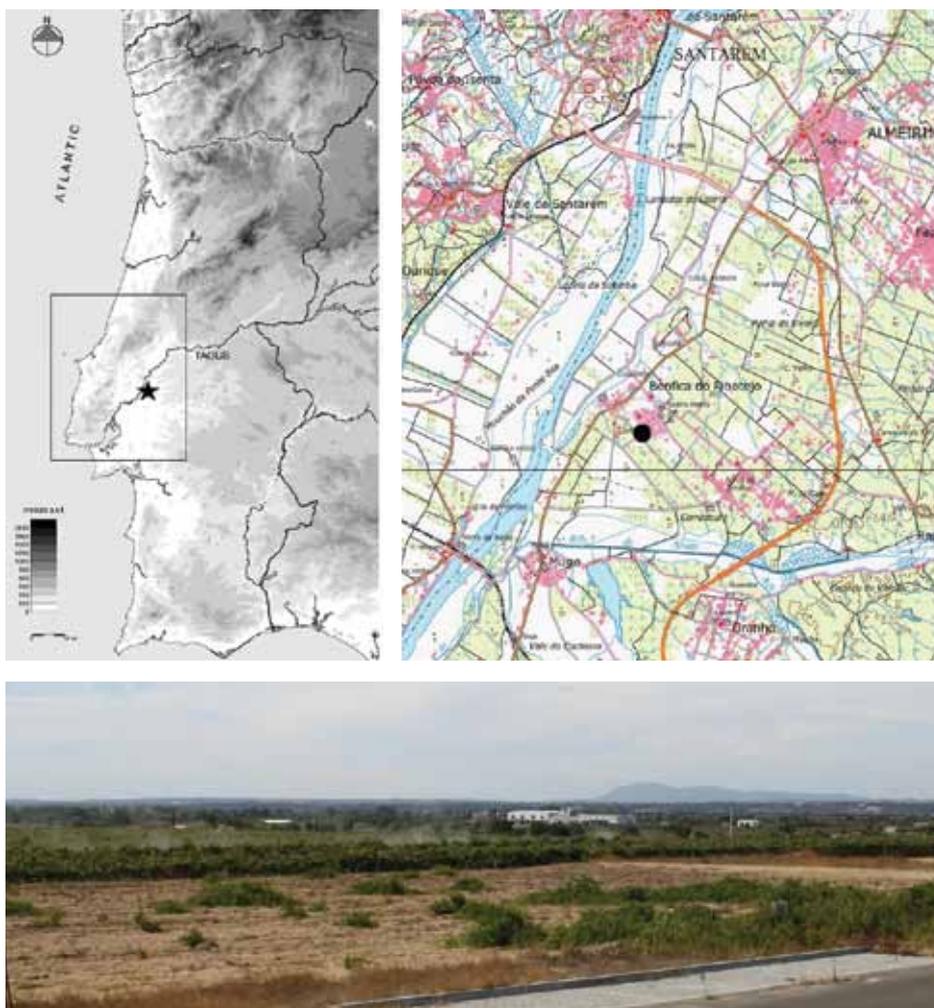
Na sequência do estudo sobre a ocupação pré-romana na área de Porto do Sabugueiro, conduzido pelos arqueólogos João Pimenta e Henrique Mendes (Pimenta & Mendes, 2008), estes tomaram conhecimento, através da base de dados Endovélico do IGESPAR, da existência, nas imediações daquele sítio arqueológico, de uma outra ocorrência arqueológica, correspondente à identificação, na década de 1980, de uma necrópole da Idade do Ferro, aquando da construção do centro de saúde de Cortiços. Respeita ao topónimo Alqueva da Branca, situado junto à povoação de Cortiços, freguesia de Benfica do Ribatejo, concelho de Almeirim, apresentando o Código Nacional de Sítio n.º 4791. Aqueles dois arqueólogos, em visita efectuada ao local, ao contrário do que seria espectável, não confirmaram a existência de qualquer estação proto-histórica, mas sim de uma de uma importante ocupação pré-histórica. Com efeito, os espólios arqueológicos por eles recolhidos correspondiam ao Neolítico Antigo, época não ainda representada no registo arqueológico da região. Face à percepção do interesse e significado desta descoberta, contactaram o primeiro signatário que, em visita efectuada em companhia de ambos, a 8 de Fevereiro de 2010, confirmou o elevado potencial científico da estação. Deste modo, foi decidido apresentar um pedido de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos ao IGESPAR, subscrito pelo primeiro signatário, apresentado a 9 de Julho de 2010 e superiormente autorizado a 21 do mesmo mês.

Pretendia-se, numa primeira fase, realizar prospecções intensivas da área de distribuição dos vestígios arqueológicos, susceptíveis de permitirem a delimitação da área de maior concentração daqueles, a qual seria, numa segunda fase, objecto de escavação. O interesse em proceder, de forma rápida e faseada, decorria da intensidade e rapidez da construção de moradias unifamiliares na área de interesse arqueológico, as quais, a breve trecho, poderiam atingir a totalidade da estação, inviabilizando qualquer intervenção arqueológica.

2. Localização

Em consequência das prospecções intensivas de terreno, verificou-se que a estação do Neolítico Antigo de Cortiços se desenvolve

Fig. 1 – À esquerda: localização da estação arqueológica dos Cortiços no centro de Portugal; à direita: sua localização na CMP à escala de 1/25 000 (folha 365); em baixo: a plataforma arenosa onde se implanta o sítio, com a Serra de Montejunto ao fundo.



para sul da povoação homónima, numa extensa área de antigos terrenos agrícolas arenosos, correspondentes à superfície de um baixo terraço da margem esquerda do Tejo (Fig. 1). Dispersos pelo terreno eram visíveis inúmeros fragmentos de cerâmica manual e elementos líticos de sílex e de quartzito, cuja concentração máxima se verificou na parte culminante de um talude de declive suave, com pendor para o vale do Tejo, relacionado com um retalho do baixo terraço da margem esquerda do rio, que corre cerca de 2 km para Oeste do local da estação. A par desta ocupação neolítica, detectou-se também a presença de materiais cerâmicos de época romana tardia, indicadores de ténue ocupação de cariz rural. Entre os materiais recolhidos destaca-se a presença de cerâmica de construção *tegulae*, *imbrices* e *lateres* e

um bocal de ânfora romana lusitana do tipo Almagro 51C, acompanhados, eventualmente, de escassos fragmentos de produções cerâmicas do Bronze Final, claramente distintas das suas homólogas do Neolítico Antigo.

No tocante à presença pré-histórica, nenhum vestígio de outra época que não fosse confirmadamente do Neolítico Antigo se recolheu, situação que foi reforçada pela escavação. Dado o interesse desta descoberta, foi publicada desde logo uma primeira notícia sobre o sítio (Cardoso, Pimenta & Mendes, 2012).

A estação estende-se por vasta área de declive suave para Noroeste e para o vale do Tejo, possuindo o ponto central da zona onde se concentravam os vestígios as seguintes coordenadas:

39° 8' 13,96" Lat. N, 8° 40' 56,71" Long. W de Greenwich.

A área circunscrita onde se verificava maior concentração de materiais arqueológicos, correspondendo, como se disse, a porção culminante de uma encosta, de topografia aplanada já se encontrava, infelizmente, muito prejudicada pela construção de diversas moradias unifamiliares, apresentando-se quase totalmente loteada. Ainda assim, mercê do bom entendimento estabelecido com os promotores da urbanização, a empresa Malfeito Ferreira, Investimentos Imobiliários Lda., na pessoa da Sr.ª Dr.ª Helena Xavier da Cunha e sua Ex.ª Família, foi possível efectuar uma intervenção arqueológica limitada a um dos lotes ainda não vendidos, cujos resultados confirmaram a excepcional abundância de materiais cerâmicos e líticos do Neolítico Antigo visível à superfície e por essa via a intensidade da presença humana ali verificada naquela época.

3. Trabalhos realizados

A escavação decorreu entre 13 e 25 de Setembro de 2010, tendo sido orientada e acompanhada por dois dos signatários do presente trabalho (J.L.C. e A.F.C.), que supervisionaram

Fig. 2 – Em cima: vista do terreno lavrado; em baixo: área escavada (note-se as bandas paralelas resultantes da surribe que afectou a totalidade do depósito arenoso e o substracto geológico local, de areias esbranquiçadas endurecidas).



o trabalho realizado quotidianamente pelos Drs. Filipe Martins, Tiago Pereira, João Maia Romão e Carlos Duarte Simões, cabendo os registos de campo e de gabinete ao primeiro dos referidos elementos, colaborador próximo do responsável pela intervenção arqueológica (J.L.C.), e que na ausência deste coordenou a prossecução dos trabalhos, sendo os três outros colaboradores licenciados em Arqueologia pela Universidade Nova de Lisboa.

Tratando-se de solos arenosos com fraca coesão, e dada a assinalável dispersão à superfície dos achados, a metodologia adoptada foi a de proceder a escavação em extensão, segundo quadrícula ortogonal com 2m de lado, escavando-se por níveis artificiais de 0,15m de potência. Deste modo, no final, a escavação atingia a área explorada de 64m², correspondendo a um quadrado de 8m de lado, constituído por quadrados elementares cujo rebaixamento foi levado sempre até ao substrato geológico, constituído por areias esbranquiçadas endurecidas (Fig. 2).

A escavação veio evidenciar os intensos revolvimentos da camada arqueológica, associada à própria cobertura sedimentar correspondente a areias de tonalidades castanho-alaranjadas, que cobriam aliás toda a superfície do terreno, com cerca de 0,30m de potência máxima, assente no substrato geológico. Tais revolvimentos resultaram das lavras mecanizadas, misturando a camada arqueológica com o substrato geológico, bem evidenciados pelo contraste cromático existente entre as duas camadas, através dos cortes realizados (Fig. 3).



Fig. 3 – Corte estratigráfico no quadrado B1.

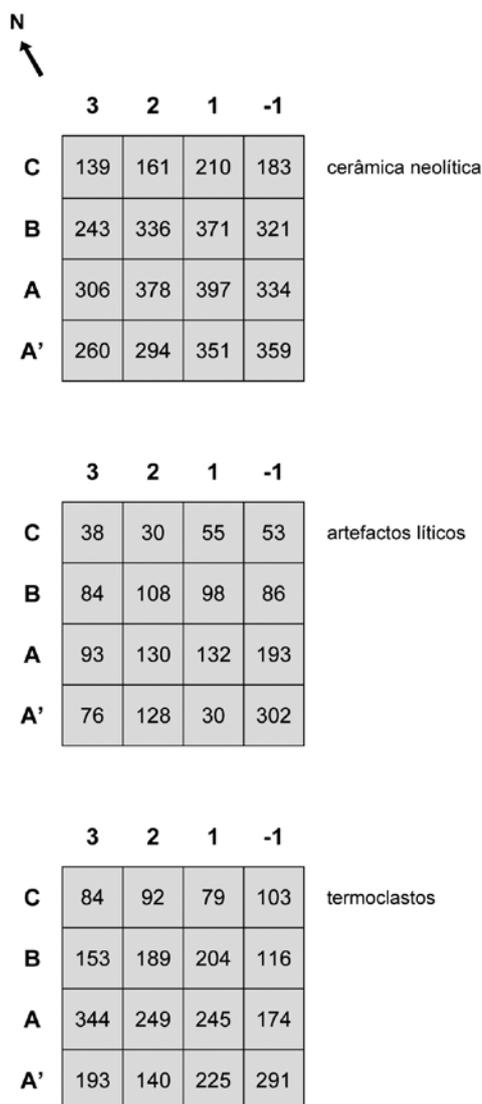


Fig. 4 – Distribuição espacial dos fragmentos de cerâmica neolítica, dos artefactos em sílex e dos termoclastos na área escavada (em número de peças). Registos de Filipe Martins.

4. Resultados obtidos

Embora o intenso revolvimento da camada arqueológica, inviabilizasse qualquer análise de distribuição dos materiais arqueológicos pela área explorada, tanto em planta, como em profundidade, considerou-se ainda assim de interesse proceder àquela distribuição, quanto mais não fosse para identificar os sectores

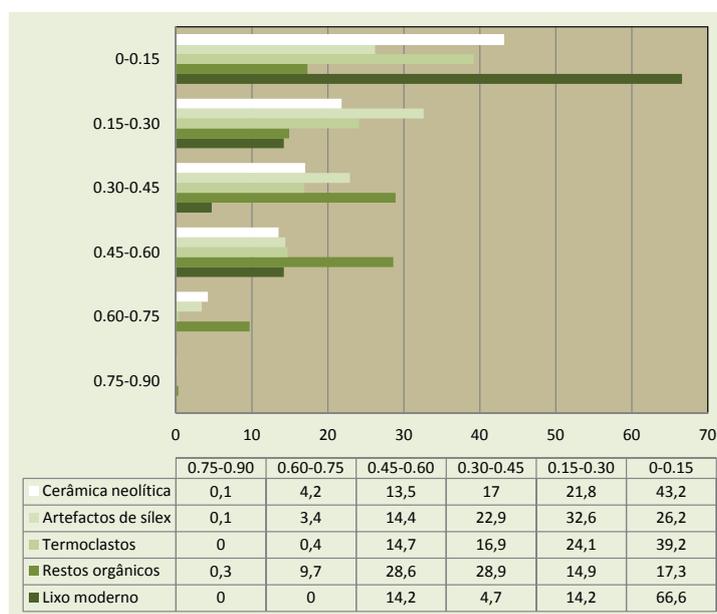


Fig. 5 – Distribuição vertical dos fragmentos de cerâmica neolítica, dos artefactos em sílex e dos termoclastos na área escavada (em número de peças e em percentagem). Registos de Filipe Martins.

da área escavada susceptíveis de evidenciar, apesar de tudo, maior concentração de artefactos. Em resultado de tal procedimento, na Fig. 4 apresenta-se a distribuição dos artefactos de sílex (instrumentos, núcleos, lascas e restos de talhe), das cerâmicas e dos termoclastos, correspondentes quase exclusivamente a seixos de quartzo rubefactos, os quais indicariam a localização original das correspondentes estruturas de combustão.

A distribuição dos materiais pela área escavada conduz à conclusão que a maioria provém da sua metade meridional. Considerando a distribuição dos artefactos de sílex, das cerâmicas e dos termoclastos, é possível afirmar que, dentro da referida área, é a sua metade ocidental que corresponde ao maior número de ocorrências. Assim, pode concluir-se que, apesar das fortes perturbações produzidas pela lavra dos terrenos, a distribuição dos achados no terreno reflecte, não obstante, a área onde se terão concentrado originalmente, dado que as referidas acções terão provocado efeito reduzido no transporte longitudinal dos materiais.

No respeitante à distribuição vertical dos espólios (Fig. 5), verifica-se distribuição que também não se afigura aleatória. Com efeito, os achados arqueológicos diminuem consistentemente entre o primeiro nível artificial considerado (0–0,15 m) e o terceiro

(0,30–0,45 m), reduzindo-se drasticamente a partir da profundidade de 0,45 m e tornando-se residuais para os níveis artificiais mais profundos atingidos pela escavação (0,60–0,75 m e 0,75–0,90 m), o que conduz à conclusão de que a ocupação arqueológica corresponde à parte superficial das areias que correspondem à cobertura actualmente existente dos terrenos, até cerca de 0,30 m de profundidade. Não obstante, mesmo nos níveis artificiais mais profundos (0,60–0,75 m) ocorriam materiais modernos, como plásticos, relacionados provavelmente com a plantação de uma vinha no local, hoje desaparecida.

5. Estudo dos materiais

No conjunto, apesar dos remeximentos ocorridos, a tipologia dos espólios arqueológicos evidencia a presença de conjunto de características homogéneas, compatível com uma única ocupação cronológico-cultural, ainda que esta possa corresponder à recorrente ocupação do mesmo espaço, por um ou sucessivos grupos humanos portadores da mesma cultura material. Infelizmente, a acidez dos terrenos e a intensa circulação de água conduziram à destruição de restos orgânicos susceptíveis de datação.

5.1. Indústria de pedra lascada

5.1.1. Proveniência e gestão das matérias-primas

O inventário litológico dos 1707 artefactos em pedra lascada dos Cortiçóis é relativamente variado (Quadro 1), conquanto uma delas, o sílex, se constitua como a rocha largamente predominante, com 96% do total, e portanto a única que deteve um papel significativo na obtenção de utensílios líticos. Esta conclusão encontra comprovação adicional no facto de o quartzito, o quartzo e o cristal de rocha se encontrarem representados apenas por talhe indiferenciado, sem utensilagem formal associada, e portanto resultantes de cadeias operatórias de difícil caracterização.

A análise das superfícies corticais dos

| | Sílex | Quartzito | Quartzo | Cristal de Rocha | TOTAL |
|--|-------|-----------|---------|------------------|-------|
| Material de debitação: | | | | | |
| Lascas corticais | 60 | 2 | 2 | 1 | 65 |
| Lascas parcialmente corticais | 71 | 3 | 1 | | 75 |
| Lascas não corticais | 409 | 12 | 13 | 2 | 436 |
| Lâminas | 15 | | | | 15 |
| Lamelas | 73 | | | | 73 |
| Núcleos: | | | | | |
| Sobre nóculo | 1 | | | | 1 |
| Sobre seixo | 1 | | | | 1 |
| Sobre fragmento | 1 | | 1 | | 2 |
| <i>Choppers</i> | 1 | | | | 1 |
| Esféricos | 1 | | | | 1 |
| Informes | 2 | | | | 2 |
| Discóides | 1 | | | | 1 |
| Bipolares | 18 | | | | 18 |
| Prismáticos com 1 plataforma | 7 | | | | 7 |
| Prismáticos com 2 plataformas opostas | 1 | | | | 1 |
| Prismáticos com 2 plataformas alternas | 1 | | | | 1 |
| Fragmentos de núcleos | 2 | | | | 2 |
| Material de reavivamento: | | | | | |
| Tabletes | 2 | | | | 2 |
| Resíduos de talhe: | | | | | |
| Esquírolas | 767 | 10 | 20 | 3 | 800 |
| Fragmentos | 71 | 2 | 3 | 1 | 77 |
| <i>"Batônnets"</i> | 14 | | | | 14 |
| Microburis | 2 | | | | 2 |
| Utensílios retocados: | | | | | |
| Lâminas de retoque marginal | 3 | | | | 3 |
| Lamelas de retoque marginal | 21 | | | | 21 |
| Lascas de retoque marginal | 32 | | 1 | | 33 |
| Lascas com entalhe | 11 | | | | 11 |
| Furadores sobre lamela | 2 | | | | 2 |
| Furadores sobre lasca | 1 | | | | 1 |
| Segmentos | 4 | | | | 4 |
| Triângulos | 1 | | | | 1 |
| Fragmentos de geométricos | 2 | | | | 2 |
| Lamelas de dorso | 4 (a) | | | | 4 |
| Truncaturas sobre lâmina | 1 | | | | 1 |
| Truncaturas sobre lamela | 4 | | | | 4 |
| Raspadores | 1 | | | | 1 |
| Raspadeiras sobre lasca | 4 | | | | 4 |
| Raspadeiras sobre lâmina | 1 | | | | 1 |
| Raspadeiras sobre núcleo bipolar | 1 | | | | 1 |
| Utensílios compósitos | 2 (b) | | | | 2 |
| Peças esquioladas | 1 | | | | 1 |
| <i>"Batônnets"</i> retocados | 1 | | | | 1 |
| Fragmentos de utensílios | 9 | | | | 9 |
| Diversos: | | | | | |
| Fragmentos de seixo | 4 | | | | 4 |
| TOTAL | 1630 | 29 | 41 | 7 | 1707 |

 Quadro 1 -
 Inventário da indústria
 em pedra lascada

(a) Inclui uma lamela de dorso duplo.
 (b) Inclui uma lamela de truncatura transversal e com retoque marginal e uma lâmina denticulada e truncatura diagonal.

núcleos e dos restos de debitage presentes em qualquer uma das rochas identificadas indica que são frequentemente de alteração, por vezes com maior ou menor rolamento fluvial. A sua classificação macroscópica sugere que o local de aprovisionamento poderá ter sido a área de Rio Maior, no centro da Estremadura. A este respeito, há um aspecto de índole tecnológica que se correlaciona com esta hipótese e que indica um comportamento económico complexo. Como se explicitará adiante, existe neste sítio um módulo normalizado, em torno dos 0,9 cm de largura, de produtos lamelares com tratamento térmico e indicadores da presença de talhe por pressão e/ou por percussão indirecta. No entanto, os núcleos prismáticos recuperados — a única tipologia que permite a debitage de lamelas recorrendo àquelas técnicas específicas — não apresentam negativos de extracções lamelares regulares (ver abaixo). Esta observação indica que esta componente dos produtos alongados seria trazida para o acampamento já sob a forma de produtos acabados.

Assim, não deixa de ser interessante verificar a concordância que este aspecto denota com os resultados da análise da indústria de pedra lascada do *Iocus III* do Cabeço de Porto Marinho, em Rio Maior, a qual revelou a “[...] conformação no local de núcleos em sílex para exportação, o que significa a exploração deliberada de um recurso geológico local pelos habitantes deste sítio tendo em vista a integração desses produtos em redes de trocas ou o seu aprovisionamento para utilização futura pelos próprios” (Carvalho, 2008, p. 90). Regressar-se-á a esta problemática nas conclusões.

5.1.2. Processos de talhe do sílex e caracterização das produções alongadas

Atentando à morfologia dos núcleos em sílex, verifica-se o predomínio das peças prismáticas e bipolares, com 24% (n=9) e 47% (n=18) do total, respectivamente

(incluindo no último caso uma peça retomada como raspadeira, indicada no Quadro 1). Os restantes tipos morfológicos representam na sua maioria eventos ocasionais, portanto não sistemáticos, de talhe. Inserir-se-ão no chamado “método aleatório”, tal como proposto anteriormente para outros conjuntos líticos desta época do centro e sul de Portugal (para uma caracterização deste método de talhe e dos produtos dele resultantes, ver Carvalho, 1998a, 2008).

O talhe de núcleos prismáticos assentava principalmente na formatação de uma única plataforma (seis em nove peças prismáticas são deste subtipo) e tinha como objectivo a extracção de lamelas e lascas em proporções quase iguais (cinco núcleos para lamelas e quatro para lascas, respectivamente). Em termos tecnológicos, observa-se que as plataformas destas peças se apresentam sobretudo lisas (n=6), o que representa o dobro das peças objecto de facetagem (n=3), e que o tratamento térmico está presente em dois terços dos núcleos. Como já referido, os negativos de extracções lamelares não apresentam nervuras regulares e padronizadas que indiquem terem as respectivas peças sido exploradas por pressão ou percussão indirecta; a título ilustrativo, vejam-se os núcleos prismáticos representados na Fig. 7 sob os n.ºs 14 e 25, e na Fig. 8, n.ºs 9 e 13. Por outro lado, o material de preparação e reavivamento de núcleos prismáticos está representado unicamente por duas tabletes (Quadro 1). Estes traços genéricos indicam que estamos perante um processo de talhe simplificado e relativamente expedito, muito provavelmente por percussão directa.

O talhe de núcleos bipolares, por seu lado, está abundantemente representado, em todas as suas etapas, no conjunto dos Cortiçóis (p. ex., Fig. 6, n.ºs 3 e 22; Fig. 7, n.º 16; Fig. 8, n.º 17; Fig. 9, n.º 6). Com efeito, para além dos núcleos propriamente ditos, que se encontram em diversos estados de exaustão ou integridade (alguns apresentam-se fendidos longitudinalmente como resultado do tipo de talhe empregue), encontram-se 14 “batônnets”

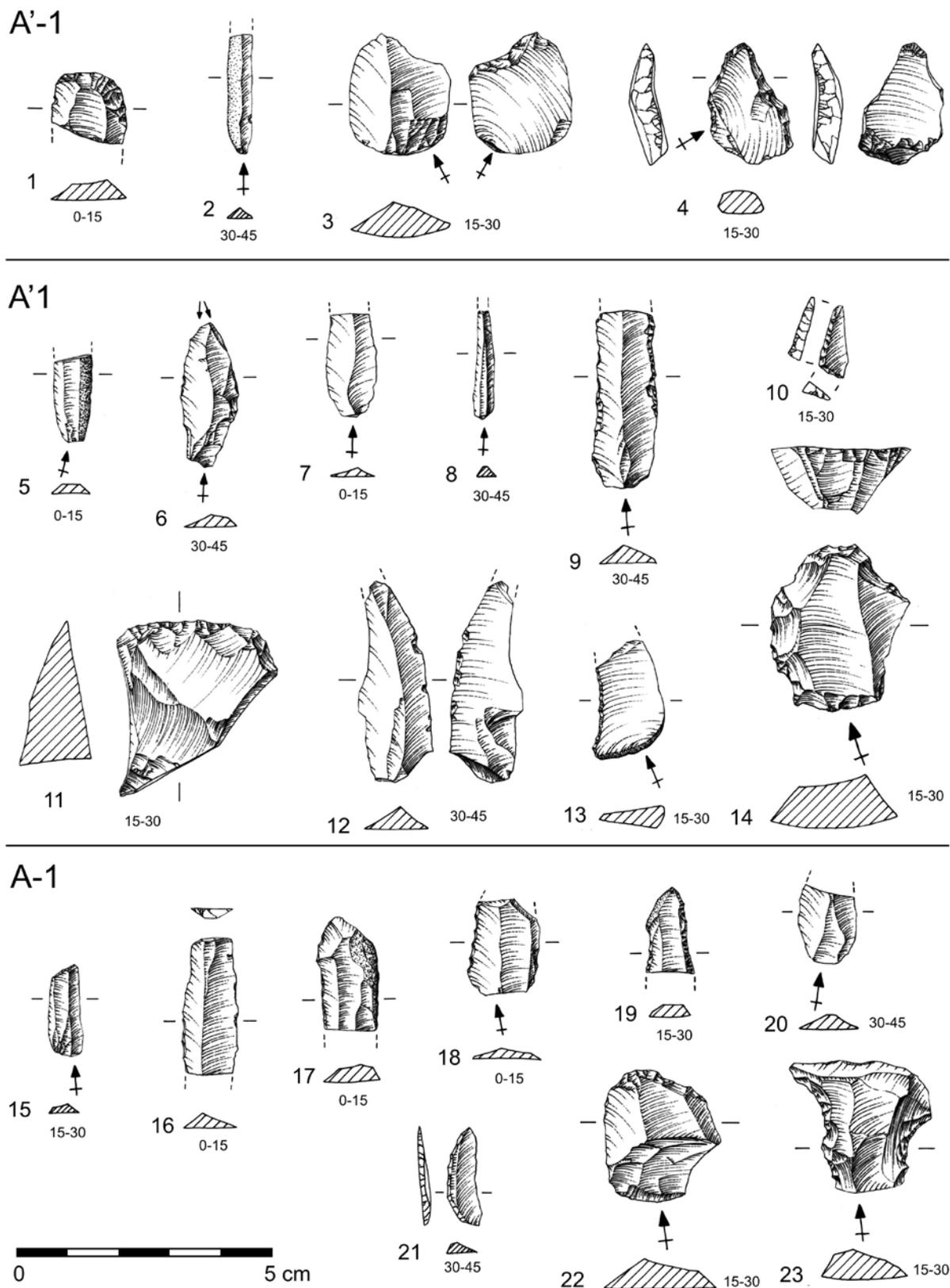


Fig. 6 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

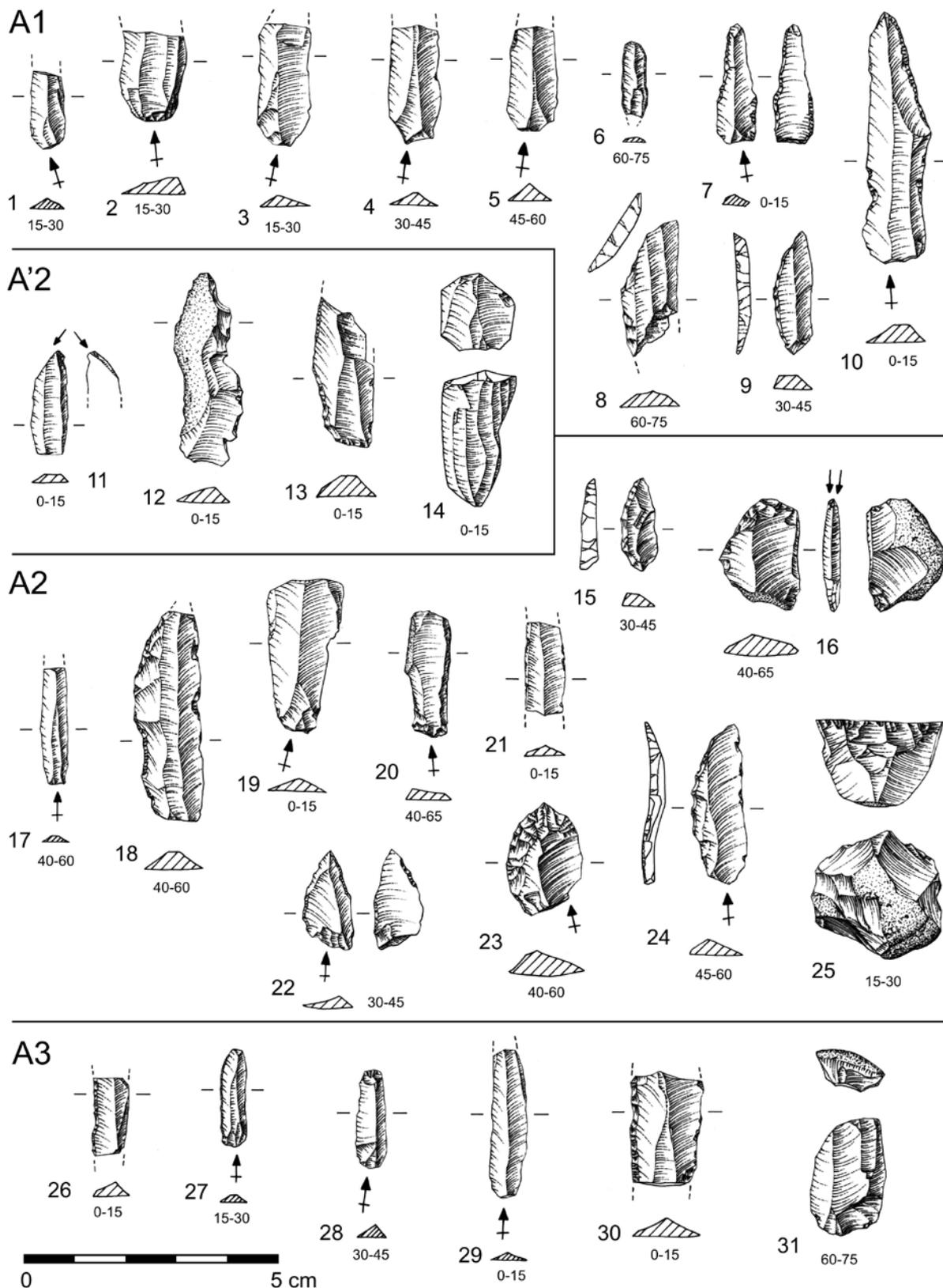


Fig. 7 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

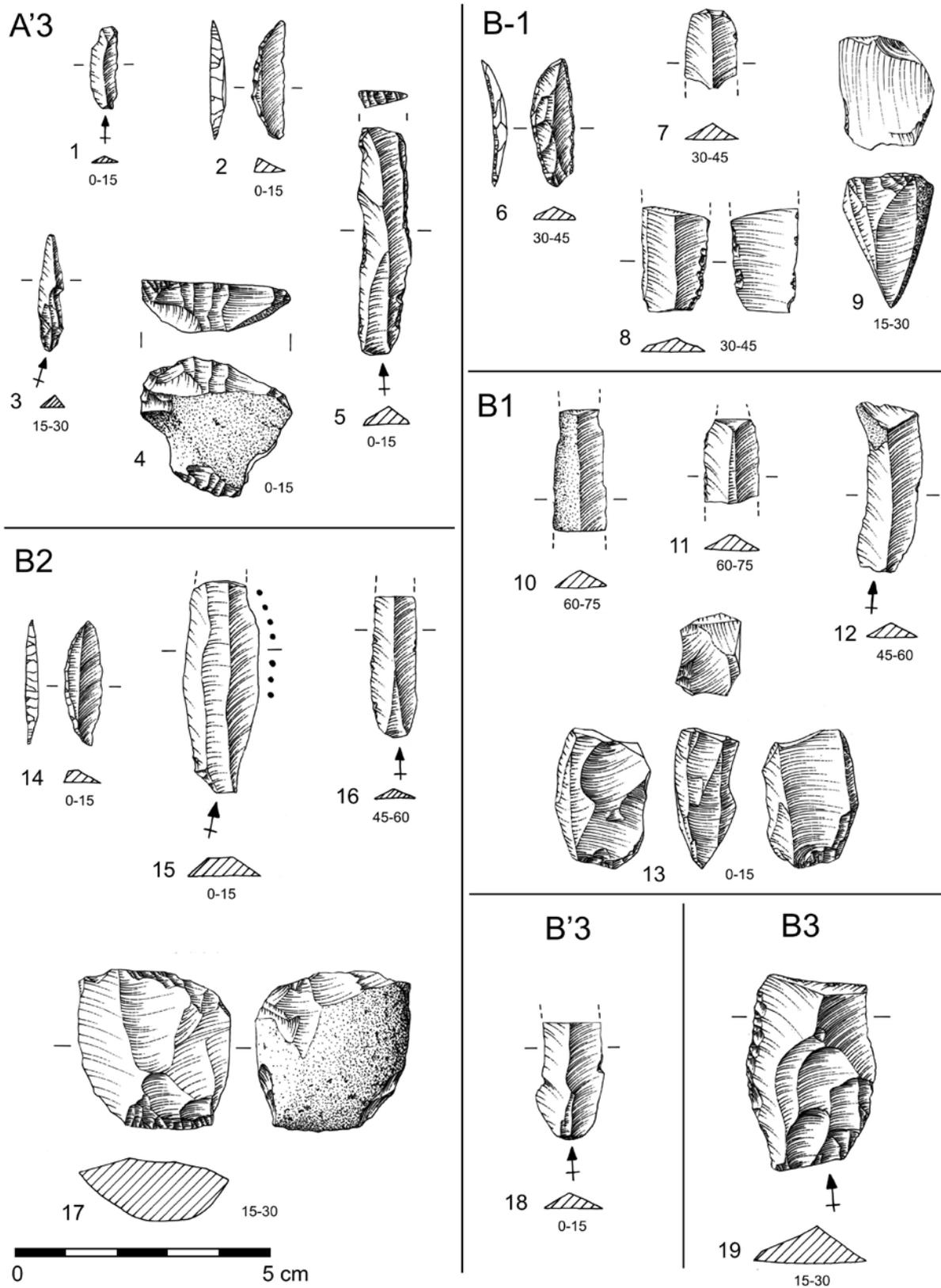


Fig. 8 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

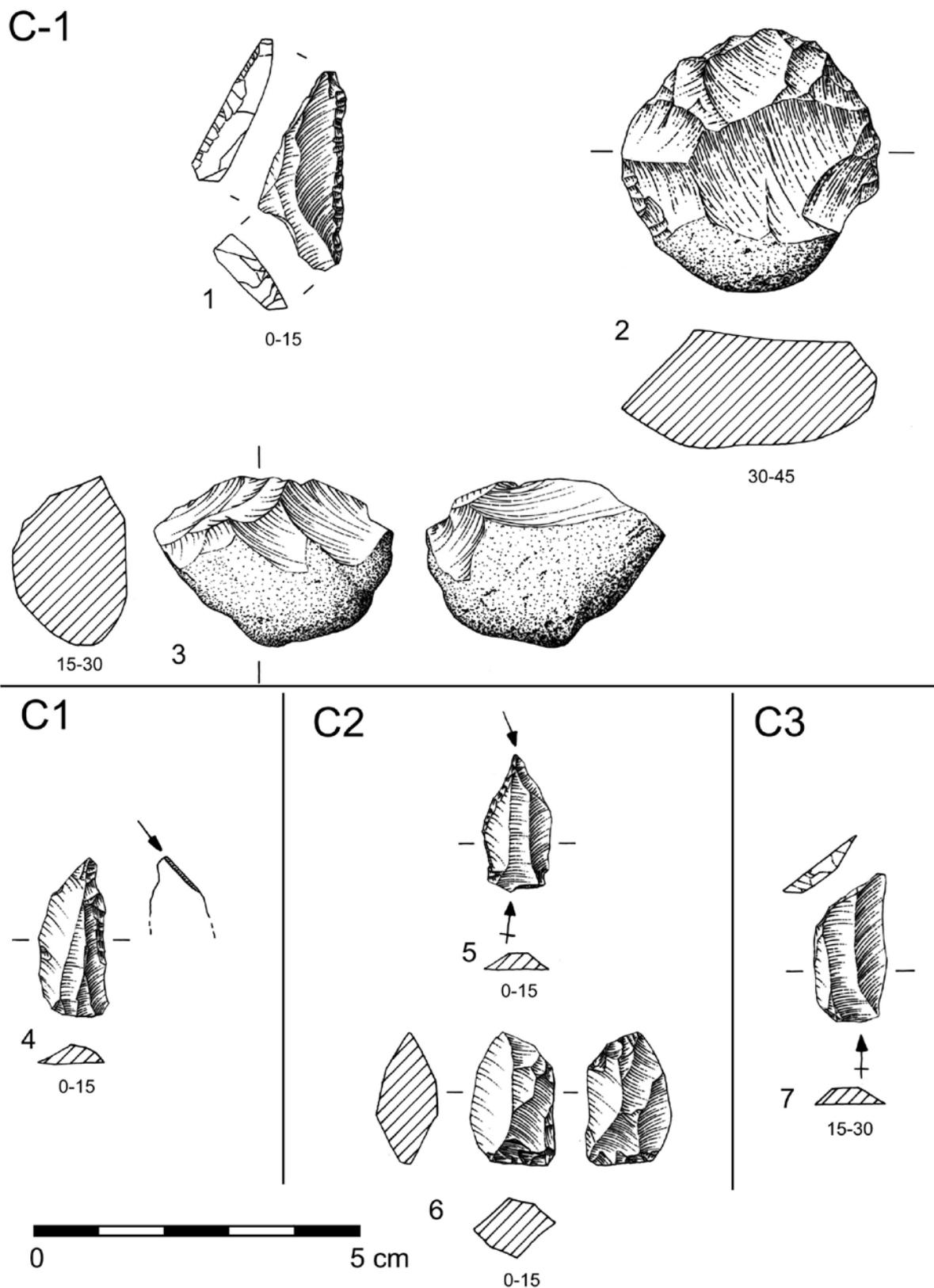


Fig. 9 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

e diversas lamelas estreitas, de perfil irregular e com talão punctiforme ou esmagado, que só poderão ter sido produzidas no contexto deste método de talhe. Os 18 núcleos recuperados são normalmente de muito reduzidas dimensões, e apresentam um equilíbrio entre negativos de extracções de lamelas curtas (n=8) e de lascas (n=10).

Considerando a totalidade do material de debitage bruto e utensílios de suporte reconhecível, verifica-se que o talhe da pedra nos Cortiçóis estava vincadamente direccionado para a produção de lascas. Com efeito, estas perfazem 82% (n=590) daquele total e, como foi sendo referido nos parágrafos anteriores, foram produzidas em qualquer dos processos de talhe identificados neste conjunto lítico.

Já as 126 lâminas e lamelas, em bruto ou transformadas em utensílios, incluem peças obtidas tanto no contexto de processos de talhe levados a cabo no próprio sítio arqueológico (talhe de núcleos prismáticos e de núcleos bipolares), como realizados noutros locais (talhe de núcleos prismáticos por pressão e/ou percussão indirecta) e cujos produtos foram subsequentemente importados. Esta diversificada origem dos produtos alongados resultou na formação de um conjunto muito heterogéneo em termos morfométricos. Efectivamente, se se partir da forma geral das peças como critério definidor (isto é, agrupando por um lado peças de bordos paralelos com talão estreito ou não, e por outro as restantes morfologias registadas), obtêm-se dois grupos distintos que podem ser descritos do seguinte modo:

Grupo A – Peças de bordos paralelos (por vezes com talão mais estreito que a largura máxima). Neste grupo predominam os talões facetados (46%) seguidos pelos punctiformes (31%). Os bolbos são geralmente nítidos (54%), por vezes com esquirolamento, associados a ondulações na face inferior das peças (57%). As secções transversais são principalmente triangulares (64%), estando as de geometria trapezoidal reduzidas a 29%, e o perfil predominante é exclusivamente direito, apresentado alguns casos a extre-

midade distal ultrapassada. O tratamento térmico ocorre em metade dos exemplares. O comprimento e a largura média das peças integrantes deste grupo são de $3,12 \pm 1,06$ cm (n=9) e $0,87 \pm 0,28$ cm (n=14), respectivamente. Atentando aos atributos que ostentam, pode colocar-se a hipótese de terem sido debitadas por pressão ou, mais provavelmente, por percussão indirecta. São exemplos as peças n.º 9 da Fig. 6, n.ºs 2 a 5 da Fig. 7, e n.ºs 5 e 18 da Fig. 8.

Grupo B – Peças de bordos de diferentes orientações. Os talões predominantes são lisos (27%) ou facetados (23%), havendo uma percentagem não negligenciável de peças de talão esmagado (18%), verosimilmente resultantes de debitage bipolar. Os bolbos apresentam-se reduzidos em 47% dos casos. As secções destas peças são sobretudo triangulares (48%), mas os exemplares de secção irregular atingem 38%, o que aponta também no sentido da conclusão anterior. O conjunto das peças de perfil torcido ou côncavo representa mais de metade do grupo (em concreto, 55%). O tratamento térmico foi aplicado em 43% destas peças. O comprimento e a largura média são de $2,70 \pm 0,91$ cm (n=19) e $1,05 \pm 0,28$ cm (n=22), respectivamente. As peças deste grupo terão sido produzidas localmente a partir dos núcleos bipolares e prismáticos cujas sequências de talhe foram apresentadas acima. São exemplos as peças n.ºs 1, 20 e 26–29 da Fig. 7 e n.ºs 1 e 3 da Fig. 8.

5.1.3. *Utensilagem retocada*

No Quadro 1 encontra-se também a lista tipológica dos utensílios retocados, a qual está estruturada segundo proposta avançada anteriormente (Carvalho, 1998a, 2008). Os 107 utensílios listados agrupam-se em três tipos mais frequentes: lascas e lamelas de retoque marginal, e lascas com entalhes (30%, 20% e 10%, respectivamente). Os Cortiçóis destacam-se no entanto pela presença, embora reduzida, de tipos normalmente ausentes ou escassamente representados

noutros contextos contemporâneos. É o caso das raspadeiras (6%) (p. ex., Fig. 6, n.º 14; Fig. 8, n.º 4) e das truncaturas sobre lâmina ou lamela (7%), por vezes associadas na mesma peça a outro tipo de retoque (ver categoria dos utensílios compósitos no Quadro 1). No que respeita a este tipo particular, deve salientar-se o facto de as sete peças em causa apresentarem truncaturas diagonais em cinco exemplares (p. ex., Fig. 7, n.ºs 8 e 13; Fig. 9, n.º 7). Alguns destes exemplares apresentam ainda o chamado “lustre de cereal” no gume bruto localizado junto à truncatura. A sua análise traceológica indicou tratar-se de elementos de foice (ver adiante).

As armaduras são formadas por cinco geométricos, quatro lamelas de dorso e dois fragmentos de geométricos (Quadro 1), as quais perfazem assim 10% do total da utensilagem. Esta percentagem está em perfeita concordância com a variação observável no Neolítico Antigo da Estremadura, que oscila normalmente nos 8–12% (Carvalho, 2008). Do mesmo modo, os geométricos presentes são de tipo segmento estreito, por vezes com tratamento térmico, e retoque marginal abrupto directo (Fig. 6, n.º 21; Fig. 7, n.º 15; Fig. 8, n.ºs 2, 6 e 14). Há a registar apenas um triângulo, espesso, com sinais de utilização, e o mesmo tipo de retoque (Fig. 9, n.º 1).

Há ainda a referir a presença de dois microburis (Quadro 1), ambos do tipo “microburil de Krukowski”, podendo portanto ser formalmente classificados como utensílios (Fig. 9, n.ºs 4 e 5). Um exemplar apresenta tratamento térmico. Se se considerar que estas peças estiveram na origem da produção dos micrólitos geométricos, o rácio *microburis/geométricos* seria no entanto muito baixo (0,28 se se incluir os fragmentos de geométricos, ou 0,40 sem estes) e não se pode, deste modo, considerar que a “técnica do microburil” tenha sido o meio através do qual se procedeu sistematicamente à obtenção das armaduras geométricas.

5.1.4. Material de recolhas de superfície

Nas Figs. 10 a 13 está representada e

descrita uma larga amostra de artefactos em pedra lascada recolhidos à superfície nos Cortiçóis. Este material resulta de recolhas extensivas ao longo de toda a plataforma e talude onde se localiza o sítio arqueológico, mas aquelas revestiram-se de um carácter selectivo e não sistemático devido a dificuldades de observação do terreno não lavrado. Portanto, as considerações que se podem tecer sobre este material e o seu significado estão limitadas por estas circunstâncias específicas do estudo do sítio.

Há, porém, dois importantes aspectos a retirar da análise do material de superfície. O primeiro é a verificação da existência de utensilagens macrolíticas, sobre seixo, de que é exemplo a peça com o n.º 1 da Fig. 12. O segundo aspecto a referir relaciona-se com a presença de núcleos prismáticos em sílex (Fig. 11, n.ºs 10, 11 e 14; Fig. 13, n.ºs 10–12). Efectivamente, a julgar pela regularidade das nervuras e ângulo de talhe que apresentam, algumas destas peças terão sido claramente debitadas recorrendo à pressão ou à percussão indirecta, o que contrasta vivamente com as ilações produzidas a partir dos artefactos homólogos recuperados em escavação. Este contraste poderá estar a reflectir distintas estratégias económicas na gestão desta rocha, uma assente na importação de lâminas debitadas (no sector escavado), outra na importação de núcleos em curso de debitação (noutros sectores da plataforma), seja em simultâneo, seja (talvez mais provavelmente) em sucessivas ocupações deste espaço no Neolítico Antigo.

5.2. Indústria de pedra polida

Os utensílios de gume em pedra polida são muito escassos (Fig. 14).

Com efeito, provenientes de escavação, registam-se apenas quatro peças, por coincidência, todas recolhidas no quadrado A2, e que podem ser sumariamente descritas como se segue:

- Extremidade proximal (talão) de enxó,

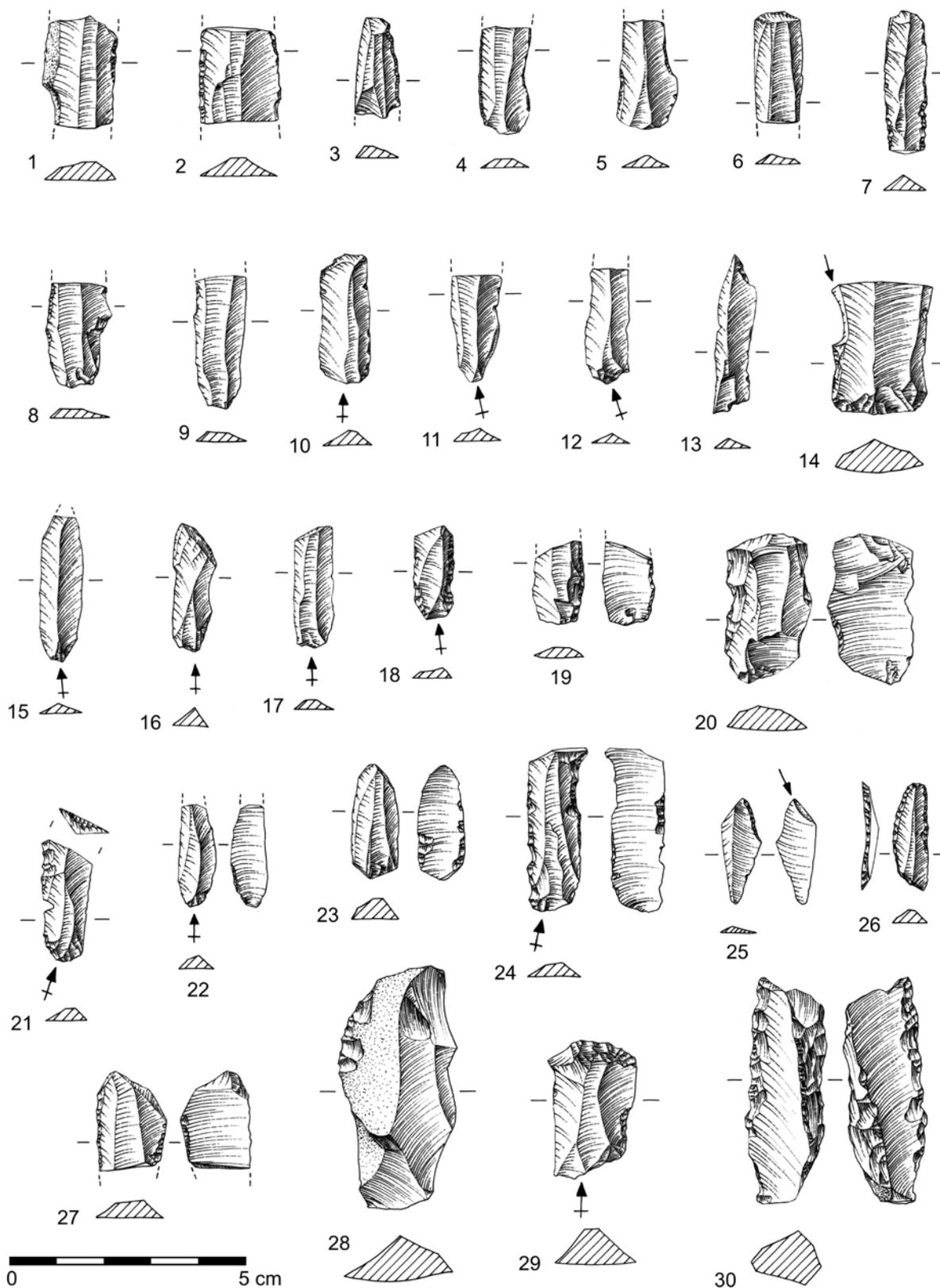


Fig. 10 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009). Desenhos de Filipe Martins.

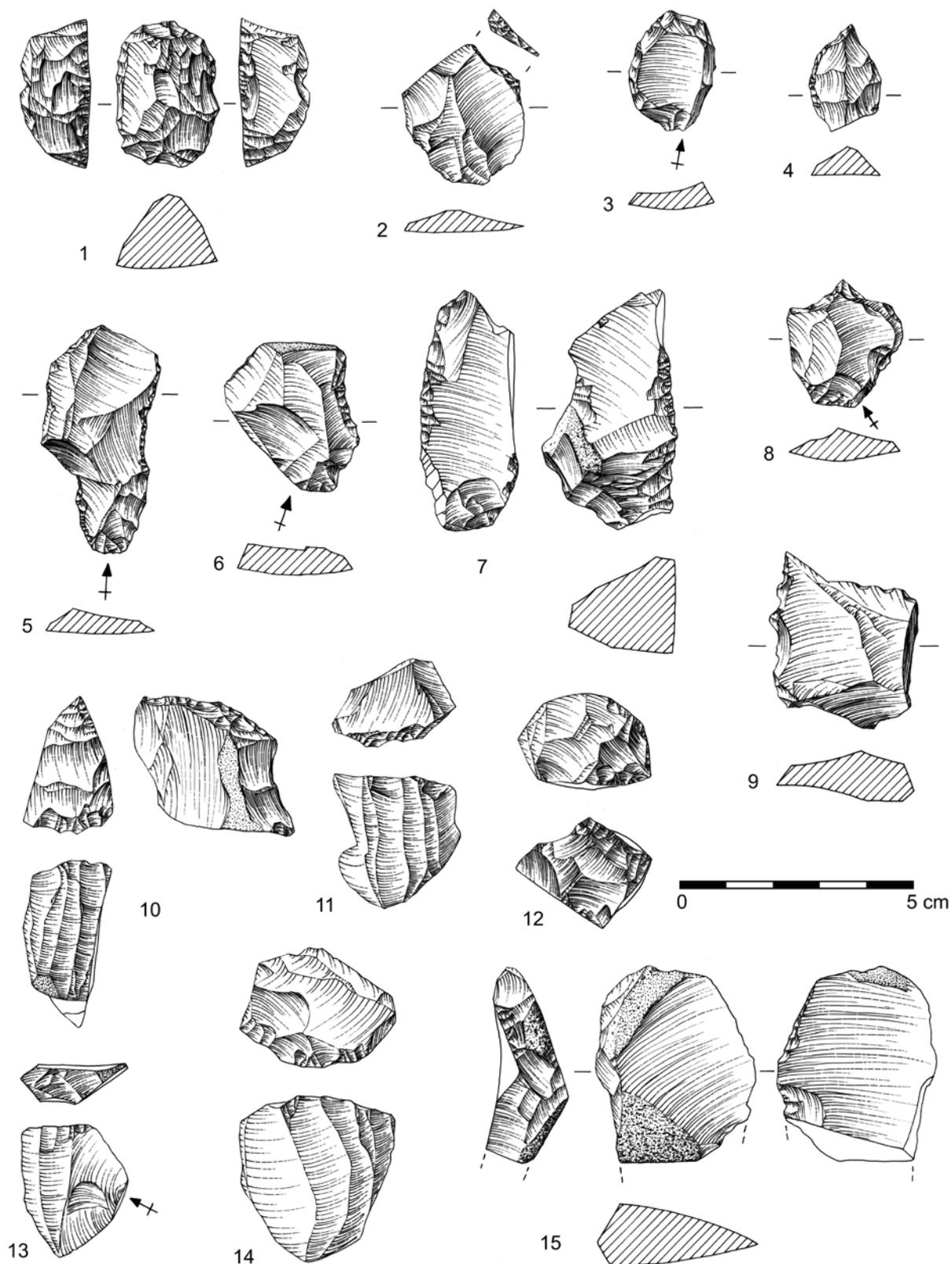


Fig. 11 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009). Desenhos de Filipe Martins.

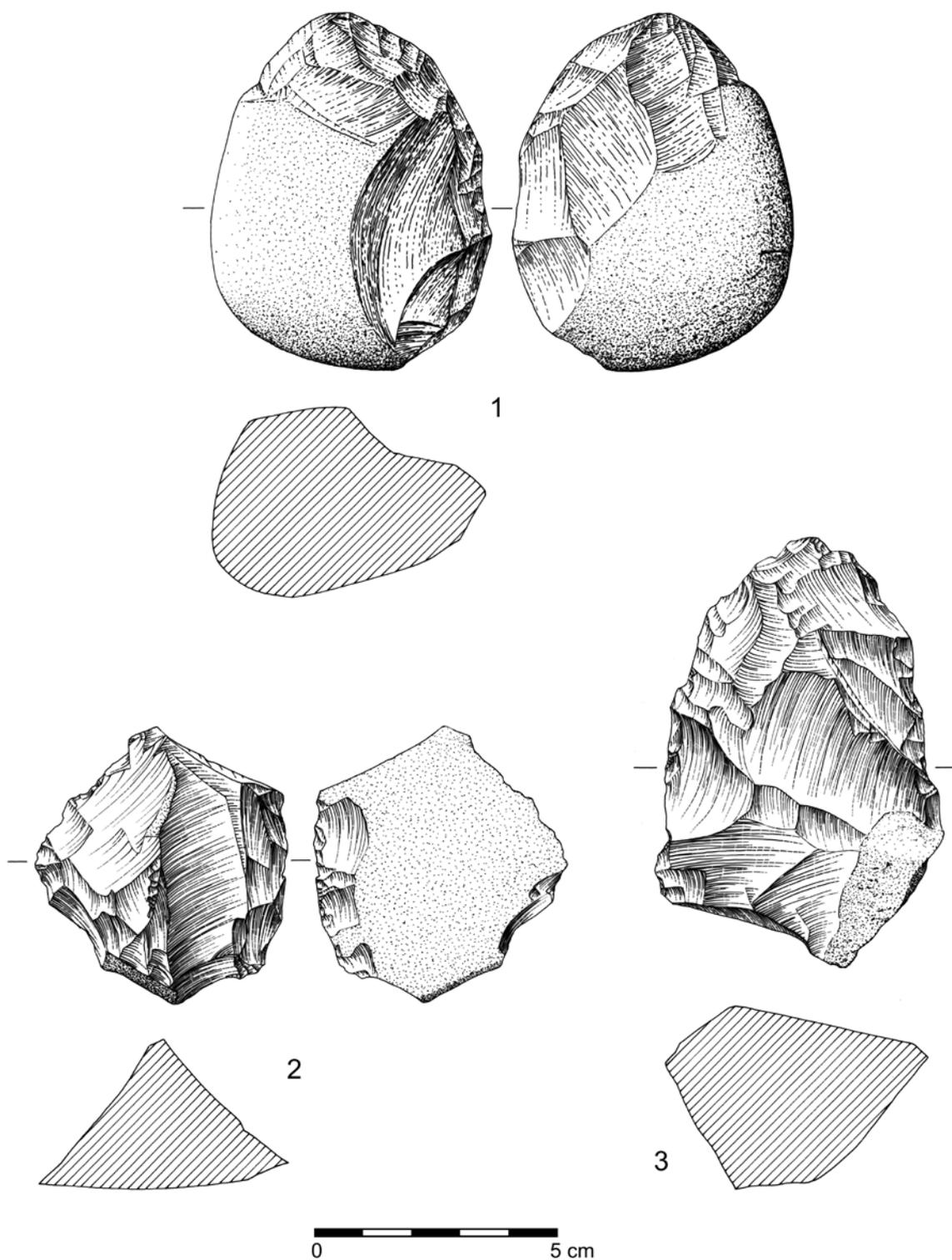


Fig. 12 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009). Desenhos de Filipe Martins.

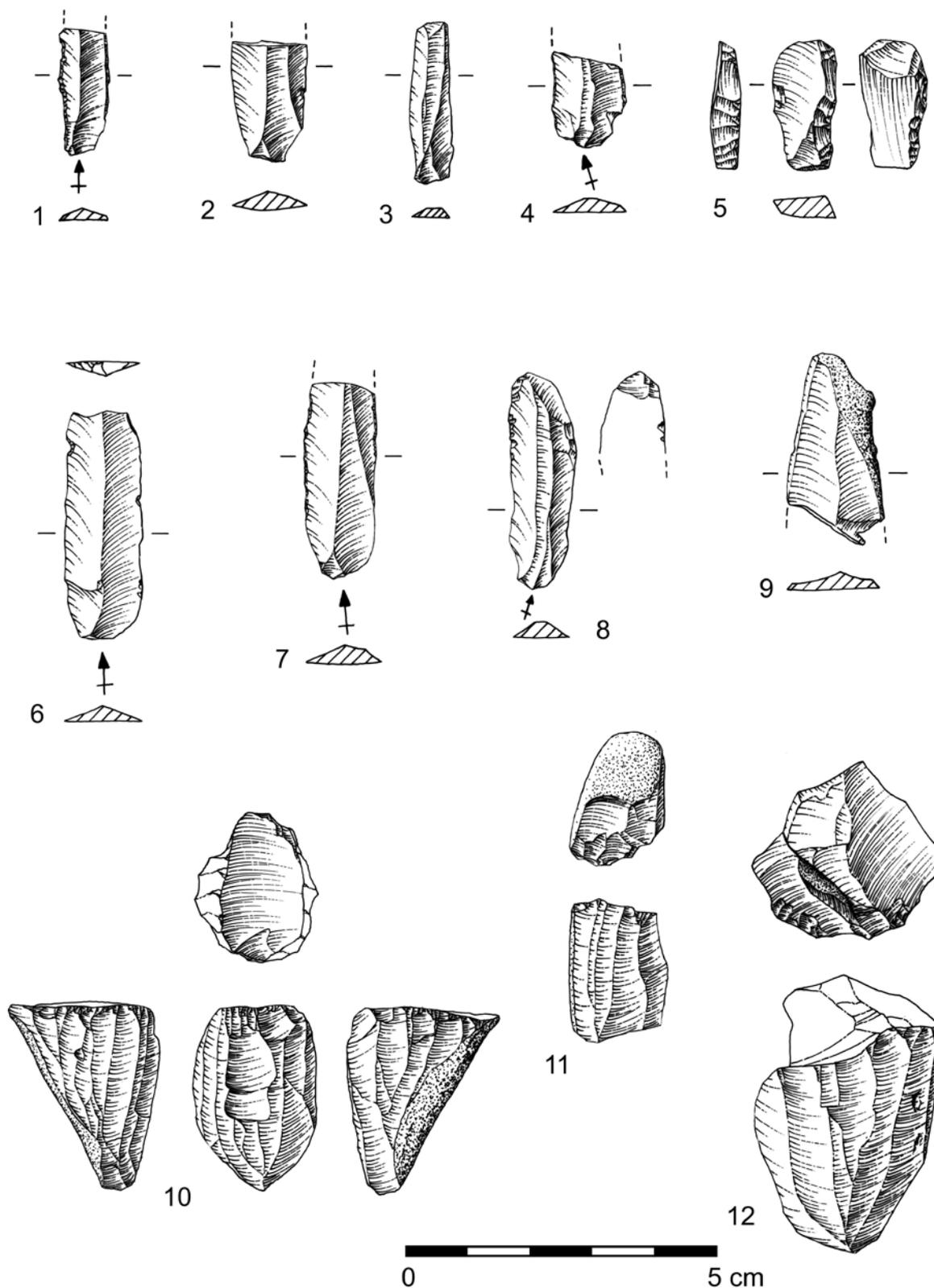


Fig. 13 – Pedra lascada em sílex (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2010). Desenhos de Filipe Martins.

com o corpo levemente arqueado, secção transversal subrectangular e polimento total na facedorsal, exibindo a face ventral superfície rugosa. Grauvaque (?). Medidas: 4,87 cm de largura; 2,39 cm de espessura (Fig. 14, n.º 5).

- Metade distal de pequena enxada votiva de fibrolite totalmente polida, com o gume intacto

de secção transversal biconvexa. 2,61 cm de largura; 0,74 cm de espessura (Fig. 14, n.º 3).

- Enxada quase totalmente polida, de secção transversal plano-convexa, apresentando o gume intacto. Xisto amarelo-esverdeado. Pela sua pequena dureza e estado de conservação perfeito, deve tratar-se de artefacto sem

Sup.

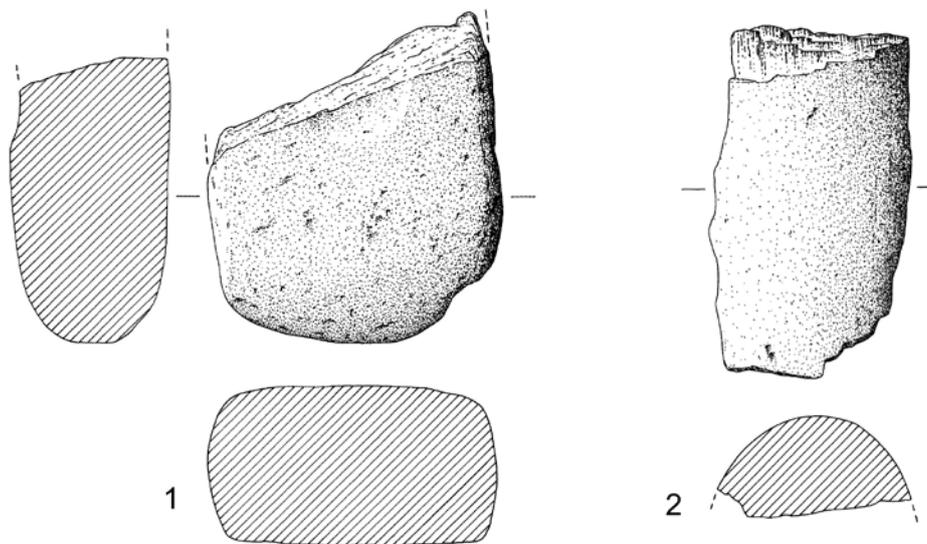
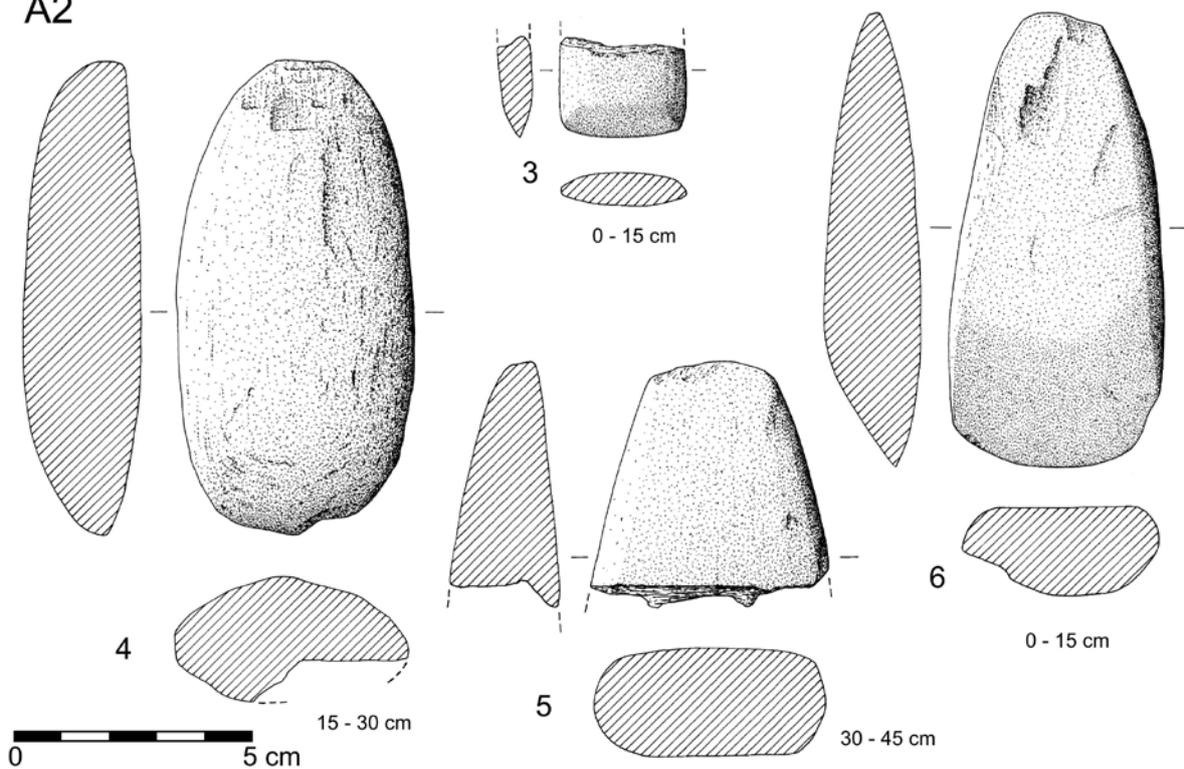


Fig. 14 – Pedra polida (materiais provenientes de recolhas de superfície e da escavação do quadrado indicado). Desenhos de Filipe Martins.

A2



finalidades práticas. 9,47 cm de comprimento; 4,44 cm de largura; 1,93 cm de espessura (Fig. 14, n.º 6).

- Machado sobre seixo rolado de contorno e secção elipsoidal, o qual foi obtido por polimento localizado de uma das extremidades, exibindo a extremidade oposta sinais de percussão (Fig. 14, n.º 4). Xisto negro silicioso da “Série Negra” (?).

Recolheram-se à superfície dois outros utensílios de pedra polida, ambos fragmentados:

- Triturador/bigorna incompleto, de contorno originalmente alongado e secção sub-retangular, possuindo polimento nas duas faces maiores e sinais de percussão na única extremidade conservada. O centro de uma das faces maiores possui depressão feita por picotagem, a qual poderá estar relacionada com a utilização deste artefacto como elemento móvel de mó manual, ou, em alternativa, como bigorna para o talhe apoiado de artefactos lascados (Fig. 14, n.º 1). Gnaisse.

- Fragmento de possível machado, totalmente polido, de secção elipsoidal espessa (Fig. 14, n.º 2). Rocha gnáissica de grão médio.

No conjunto, os artefactos de pedra polida revelam características diversificadas. Estão bem documentados artefactos de carácter funcional, produzidos em rochas que poderiam ser obtido nas proximidades, como é o caso do seixo rolado transformado de forma expedita em machado, que poderia ter sido recolhido numa cascalheira pliocénica de um antigo terraço do Tejo, ou em rochas oriundas do Maciço Antigo, como é o caso do triturador/bigorna. E estão presentes artefactos de carácter não-funcional, como é o caso da pequena enxó votiva de fibrolite ou o do machado de xisto amarelo-esverdeado, cuja baixa dureza, associada ao gume intacto indica tratar-se de peça também de cunho ritual.

A ocorrência de rochas oriundas do Maciço Antigo explica-se para além da possibilidade de serem de recolha próxima, comprovada sob a forma de seixos rolados, pela ampla circulação destes grupos humanos, os quais, numa parte do ano poderiam habitar em terras mais interiores, onde tais rochas ocorrem. Com efeito, xistos negros e rochas gnáissicas integradas na “Série

Negra” (Pré-Câmbrico) possuem afloramentos na região do Maciço Antigo mais próxima da localização desta estação arqueológica, conhecendo-se também afloramentos na região de Abrantes (Teixeira, 1981, Fig. 27), que aliás são atravessados pelo rio Tejo, explicando-se assim a existência de seixos rolados em tais tipos de rochas. É interessante verificar a ausência clara de rochas anfíbolíticas entre as utilizadas, indício de que, então, as propriedades de tais rochas ainda não justificavam a sua exploração e exportação organizada, a partir dos afloramentos situados na região ocidental do Alto Alentejo (afloramentos de Montemor-o-Novo, Avis, Abrantes), como anteriormente se verificou.

No respeitante à ocorrência de certas rochas cuja ocorrência, pelo menos em massas susceptíveis de serem aproveitadas para a confecção de artefactos de pedra polida, como é o caso da fibrolite (silimanite fibrosa), ainda não foi cabalmente demonstrada no actual território português (Ferreira, 1953), só se pode explicar pela sua alta valia e apreço, que justificava o transporte e comercialização a longas distâncias. A pequena enxó recolhida em escavação, com o gume intacto, tem paralelos nos dois artefactos igualmente com o gume intacto provenientes da ocupação do neolítico Antigo da Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), reforçando o cunho ritual essencialmente atribuído a este tipo petrográfico.

5.3. Cerâmica

Além dos materiais recolhidos à superfície, antes e no decurso da realização da escavação, esta proporcionou 4291 fragmentos lisos, incluindo 168 pertencentes a bordos e 352 fragmentos decorados, correspondentes a 7,6% do total dos fragmentos cerâmicos.

O que acima se referiu a propósito da dispersão de materiais por causas mecânicas actuais encontra-se evidenciado pela distribuição de fragmentos pertencentes ao mesmo recipiente: é o caso dos recipientes da Fig. 15, n.º 5, representados por dois fragmentos, recolhidos a profundidades distintas e em diferentes quadrados, ou do recipiente da Fig. 16, n.º 9, re-

presentado por três fragmentos recolhidos em quadrados distintos e a diferentes profundidades, que bem evidenciam a intensidade das perturbações pós-deposicionais produzidas.

As pastas são friáveis, com e.n.p. cuja origem pode ser local, e as cozeduras, denunciadas pela coloração acastanhada dominante das suas superfícies, foram em geral produzidas em ambientes com final oxidante.

No que respeita a formas, estão presentes as formas fechadas, com destaque para os vasos em forma de saco, os recipientes abertos, de contorno parabolóide, ou com paredes subverticais, e os recipientes de colo fechado, de contorno suave, correspondendo a inflexão do bojo.

De modo geral, trata-se de recipientes de tamanho médio, com diâmetros máximos até 0,25 m a grandes, correspondendo a exemplares de dimensões superiores à indicada, o que sublinha as diferentes funções dos mesmos, essencialmente destinadas ao armazenamento.

Identificaram-se diversos tipos de elementos de prensão, presentes tanto em exemplares lisos como decorados. Entre os primeiros, ocorrem asas que evocam pelo perfil cabeças de súdeo, presentes em outras estações do Neolítico Antigo da área estremenha, com perfurações horizontais (Fig. 17, n.º 9), também presentes em pequenos mamilos sobre o bordo (Fig. 21, n.º 11). Mas os elementos mais comuns são as pegas com amplas perfurações horizontais, igualmente sobre o bordo dos recipientes (Fig. 15, n.º 4; Fig. 16, n.ºs 9 e 13) bem como as volumosas pegas verticais, que se desenvolvem e projectam muito para além do lábio dos vasos (Fig. 16, n.º 5).

As técnicas decorativas presentes resumem-se à incisão e à impressão, embora tenham dado origem a padrões decorativos assinalavelmente variados. Há ainda a ter em consideração a presença de fragmentos decorados por técnica mista, o puncionamento arrastado (p. ex., Fig. 16, n.º 9; Fig. 19, n.º 12; Fig. 20, n.º 12), também designado por “*punto y raya*” ou “boquique neolítico”, para o diferenciar da mesma técnica utilizada ulteriormente na Idade do Bronze.

A técnica incisa está representada através da aplicação deslizante de uma ponta roma dan-

do origem a padrões simples, de linhas paralelas (Fig. 17, n.º 8), ou de uma ponta mais fina, originando espinhados (Fig. 19, n.º 9), embora nalguns casos seja difícil de diferenciar entre a incisão fina e a impressão de uma lâmina na pasta fresca. Outro tipo de incisões foi produzido por uma ponta irregular, provavelmente correspondendo a extremidade de fino caniço ou de um caule de gramínea, dando origem a diferentes sulcos paralelos, incorporados na mesma depressão (Fig. 15, n.º 6). Enfim, é frequente a ocorrência de linhas incisas oblíquas, mais ou menos irregulares, distribuindo-se por bandas mal organizadas em torno da abertura dos recipientes (Fig. 20, n.º 14), embora, uma vez mais, seja discutível a diferenciação destas incisões das impressões de uma fina lâmina actuada perpendicularmente à superfície a decorar.

Caso particular da técnica incisa corresponde à utilização de um pente, que, aplicado ao longo da superfície a decorar, produziu linhas incisas paralelas, finas e apertadas, distinguindo-se por tais características das linhas incisas produzidas uma a uma. Tais linhas, formando bandas horizontais, encontram-se associadas a outras linhas, onduladas, produzidas pelo mesmo pente, correspondendo a decorações movimentadas e barrocas (p. ex., Fig. 15, n.º 5; Fig. 18, n.ºs 5–6).

A segunda técnica presente corresponde à da impressão. Os motivos são muito distintos, consoante a morfologia da matriz utilizada. Assim, identificaram-se os seguintes tipos, considerados isoladamente:

- impressões cardiais, produzidas por uma matriz feita a partir de uma concha de *Cerastoderma edule* ou espécie similar (Fig. 18, n.º 4; Fig. 19, n.ºs 2 e 5). A escassa representatividade deste conjunto, no quadro das cerâmicas decoradas, é sublinhada pela baixíssima percentagem que lhe corresponde, apenas 2,5%, em termos de número de fragmentos decorados.

- impressões unguiformes: produzidas pela extremidade de dois dedos oponíveis, o polegar e o indicador, que deram origem a pares de depressões oblíquas entre si e assimétricas (Fig. 17, n.º 4), distribuídas verticalmente ao longo do bojo dos recipientes;

- impressões isoladas produzidas pelas

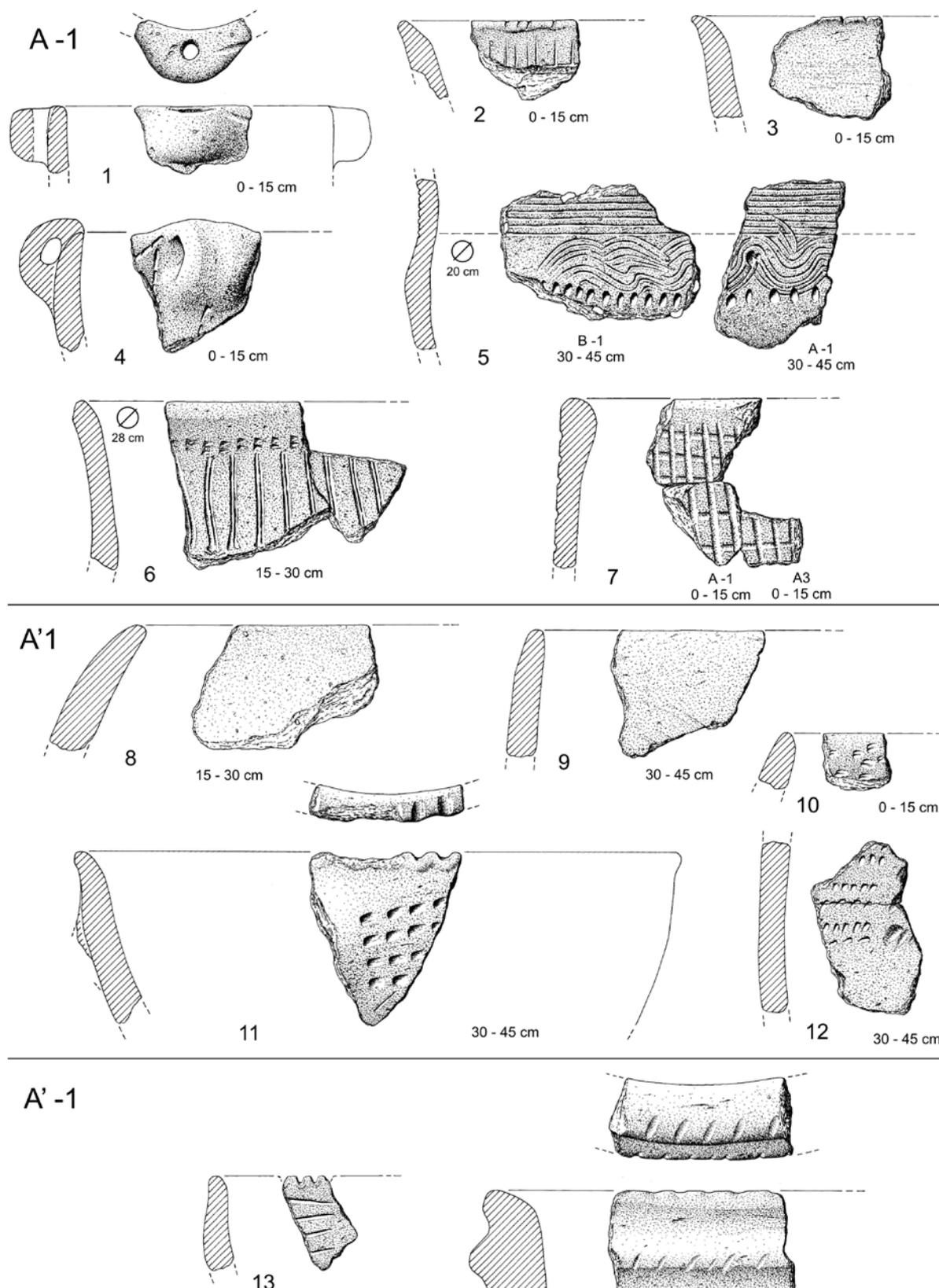


Fig. 15 – Cerâmica (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

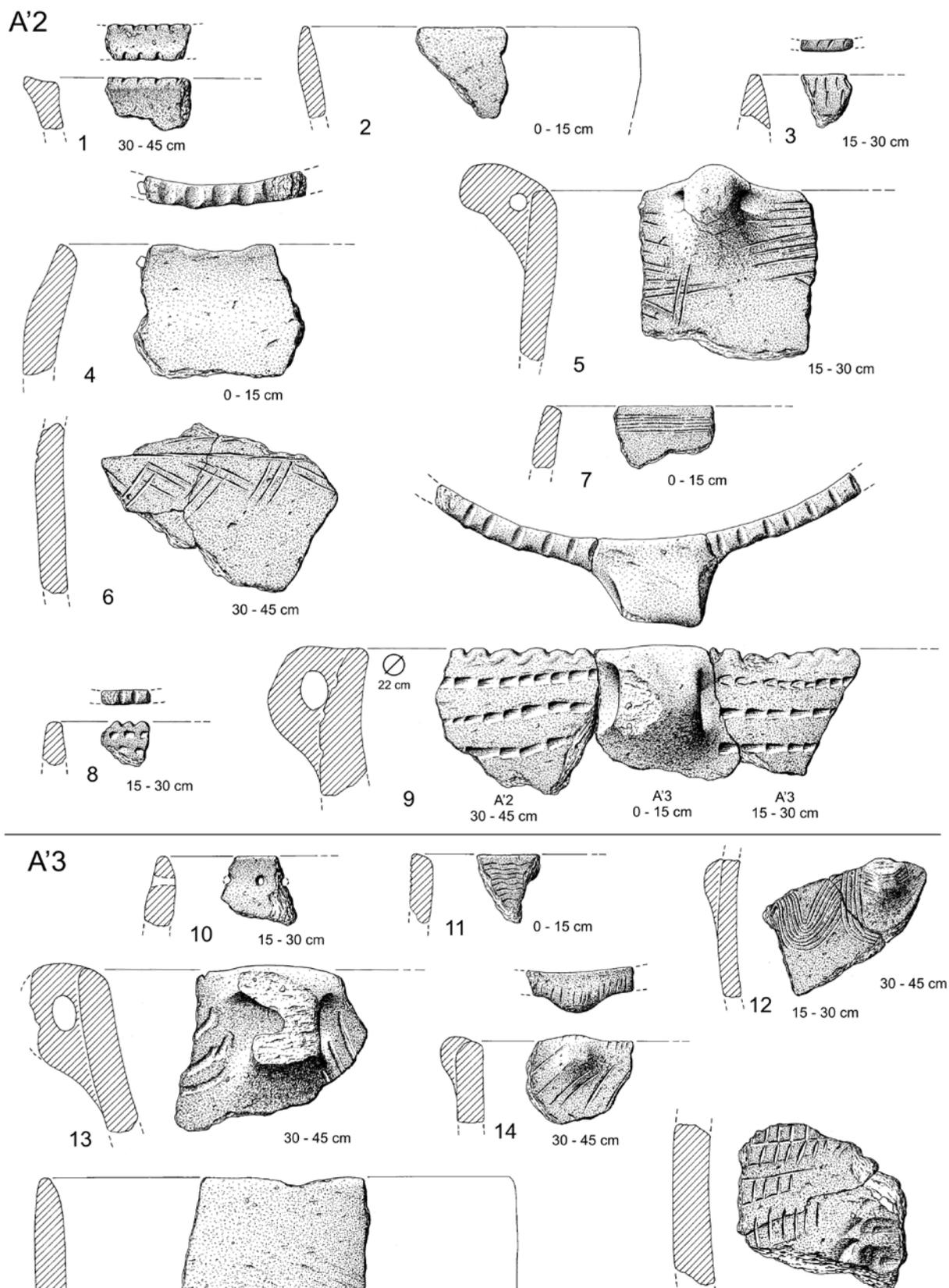


Fig. 16 – Cerâmica (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

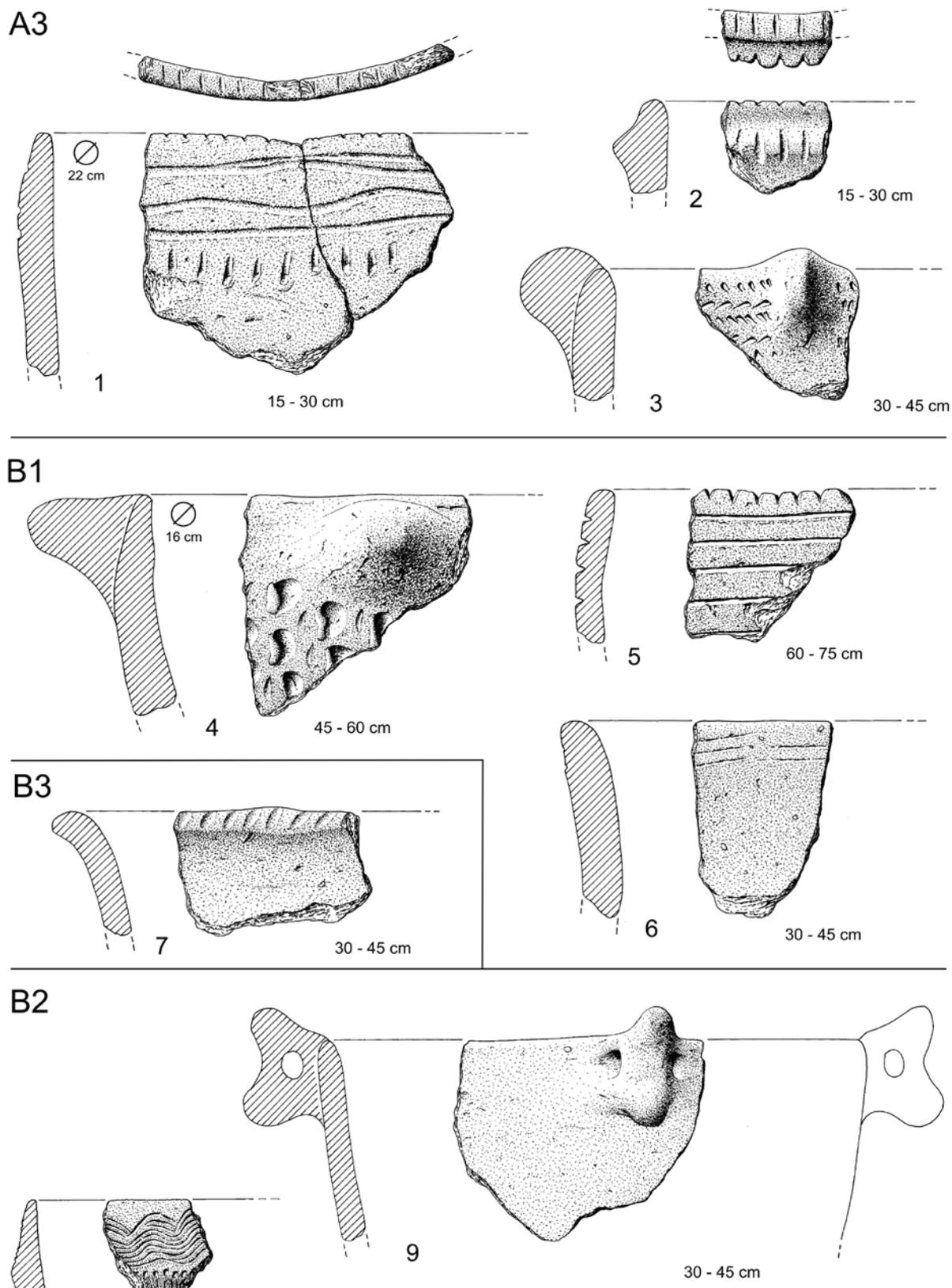
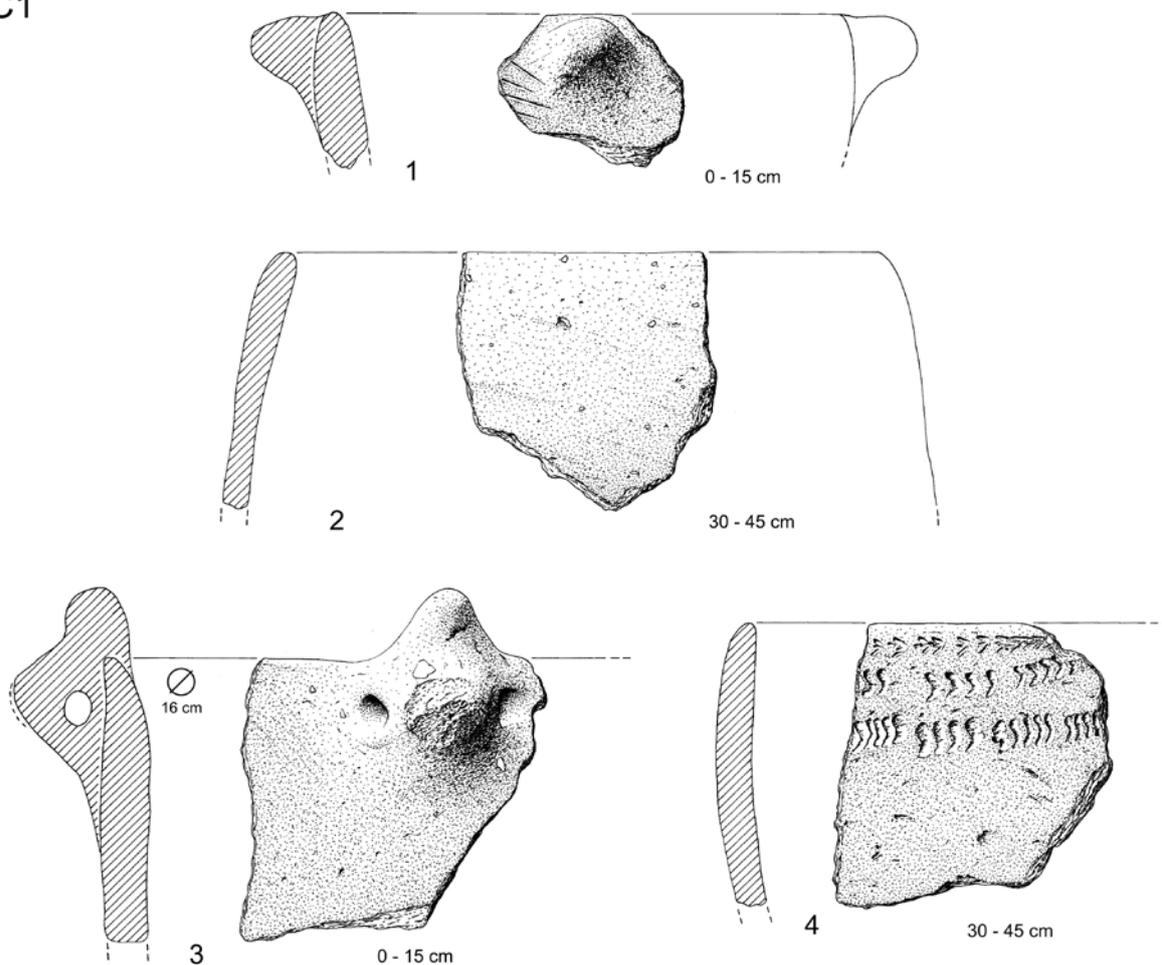
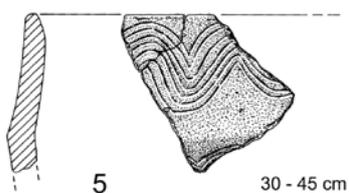


Fig. 17 – Cerâmica (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

C1



C -1



C2

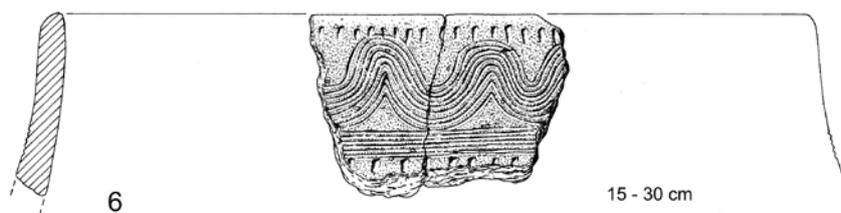


Fig. 18 – Cerâmica (materiais provenientes da escavação dos quadrados indicados). Desenhos de Filipe Martins.

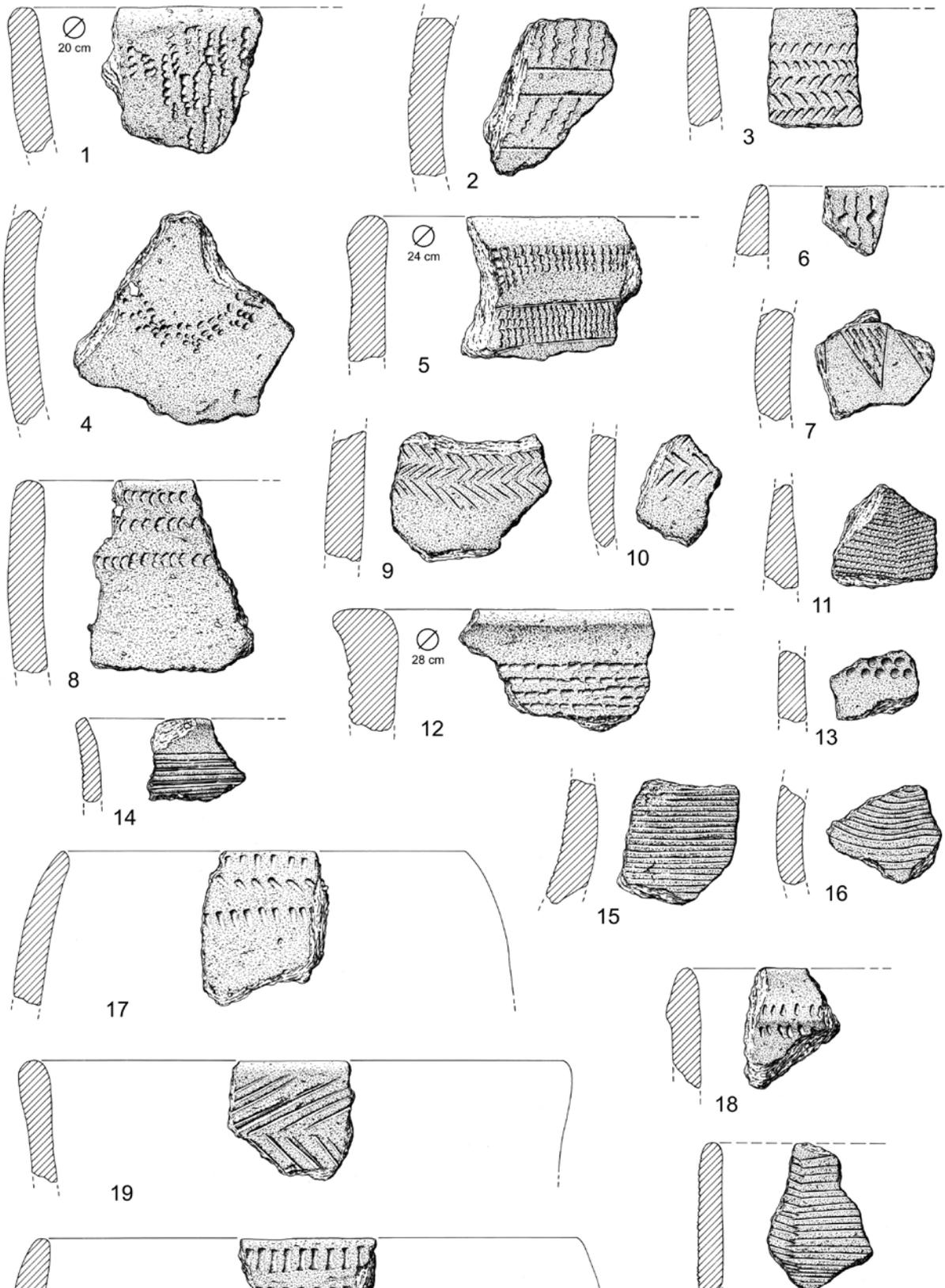


Fig. 19 – Cerâmica (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009). Desenhos de Filipe Martins.

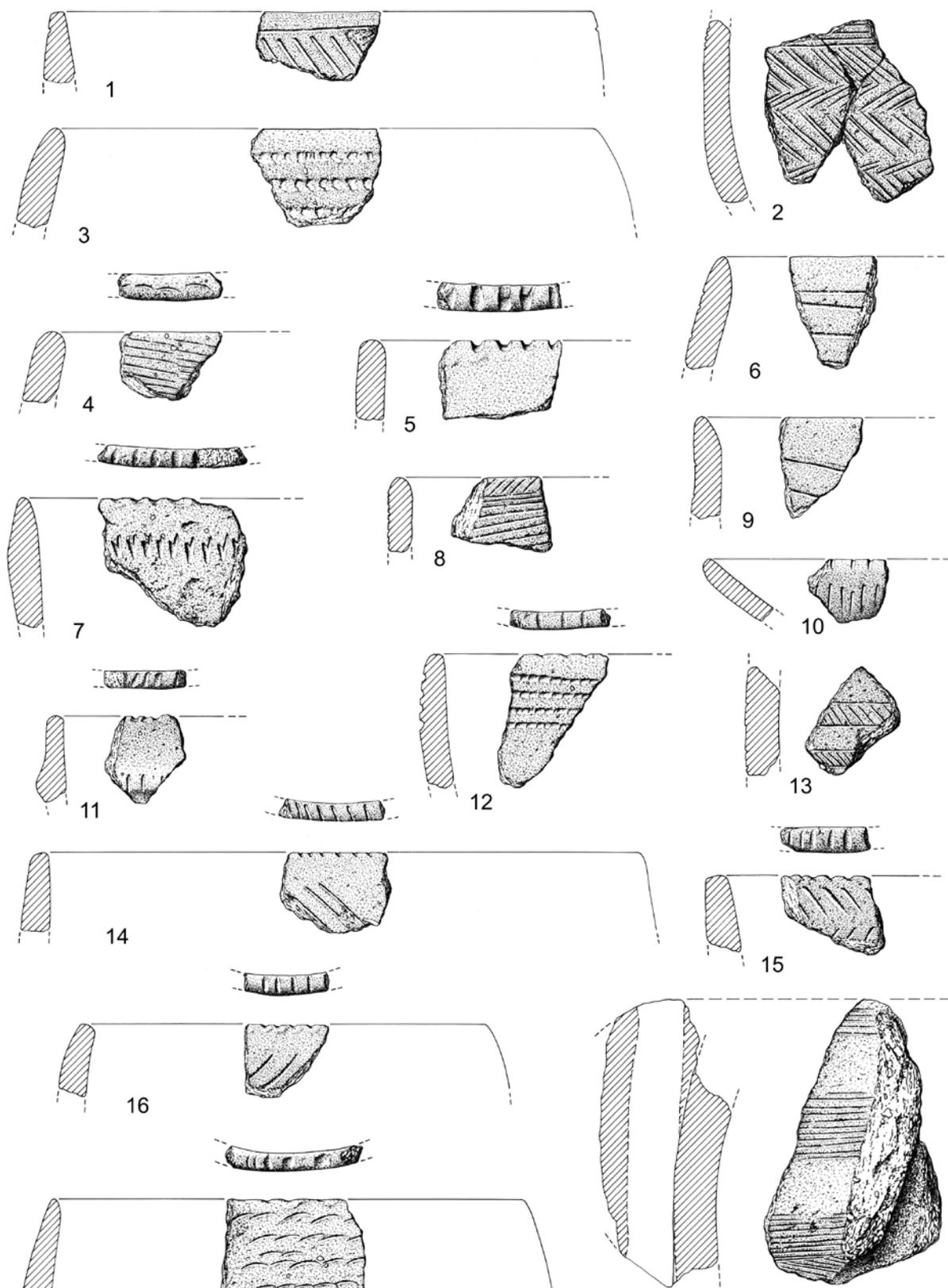


Fig. 20 – Cerâmica (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009). Desenhos de Filipe Martins.

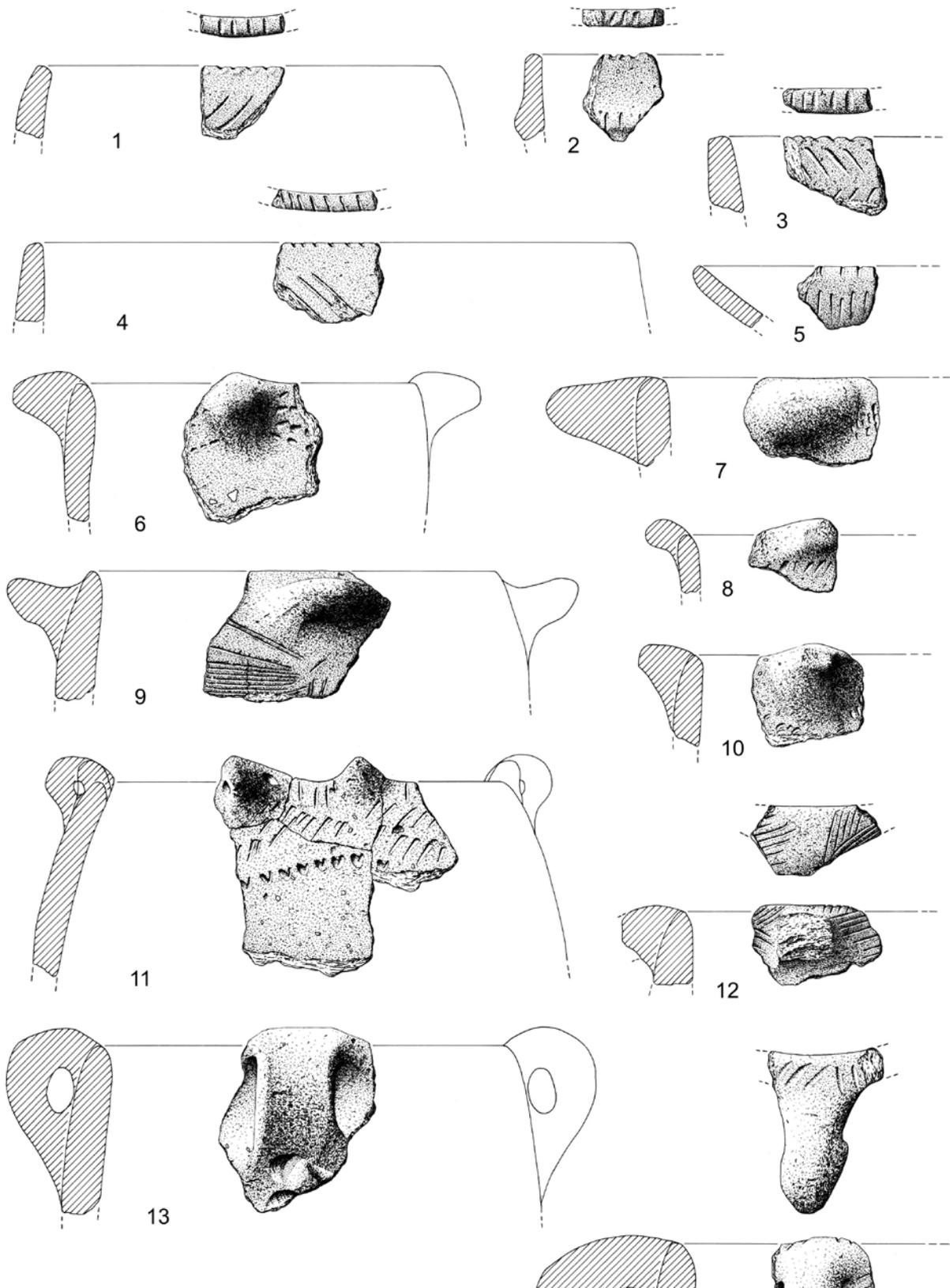


Fig. 21 – Cerâmica (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009).

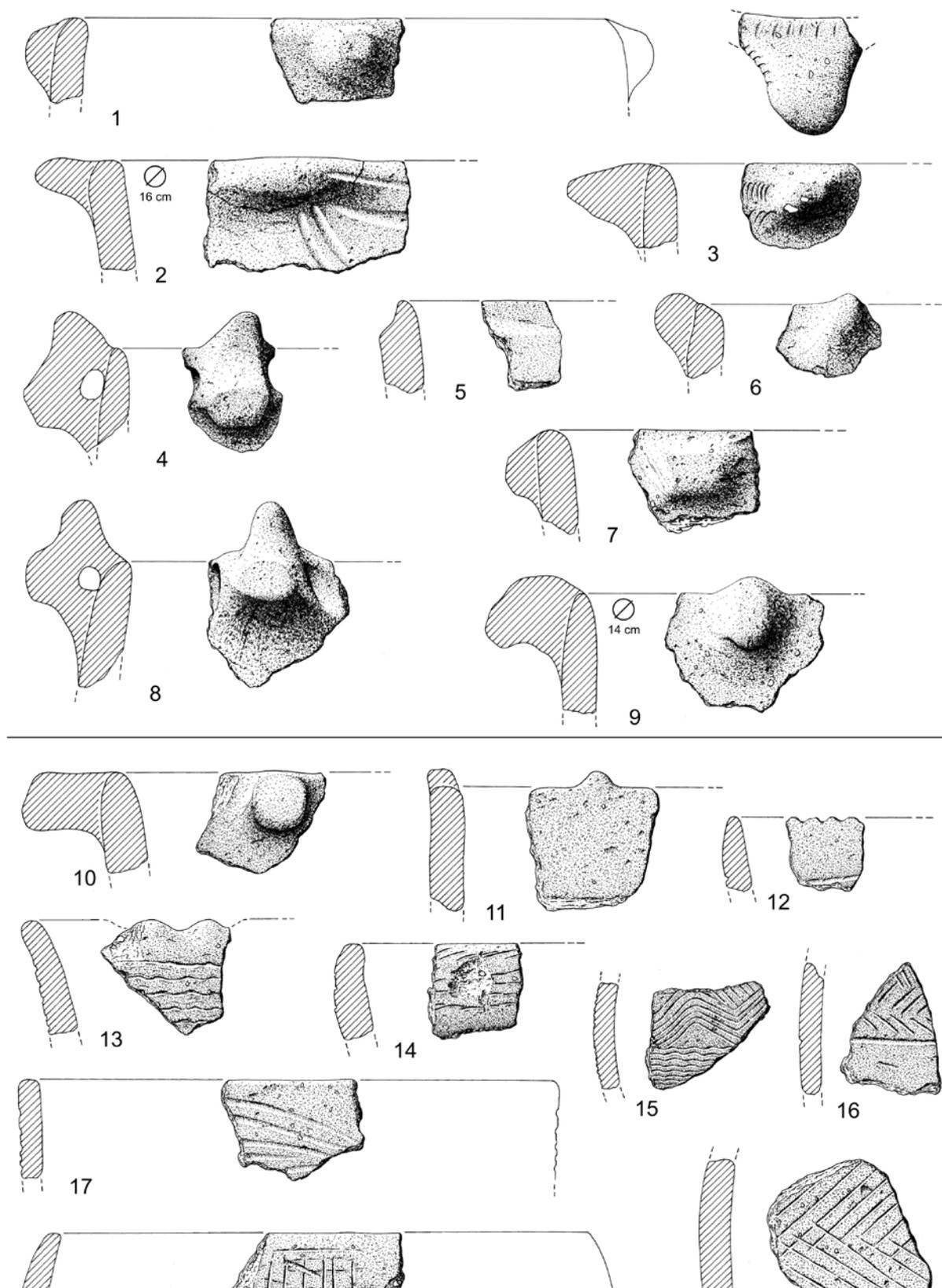


Fig. 22 – Cerâmica (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2009 e de 2010).

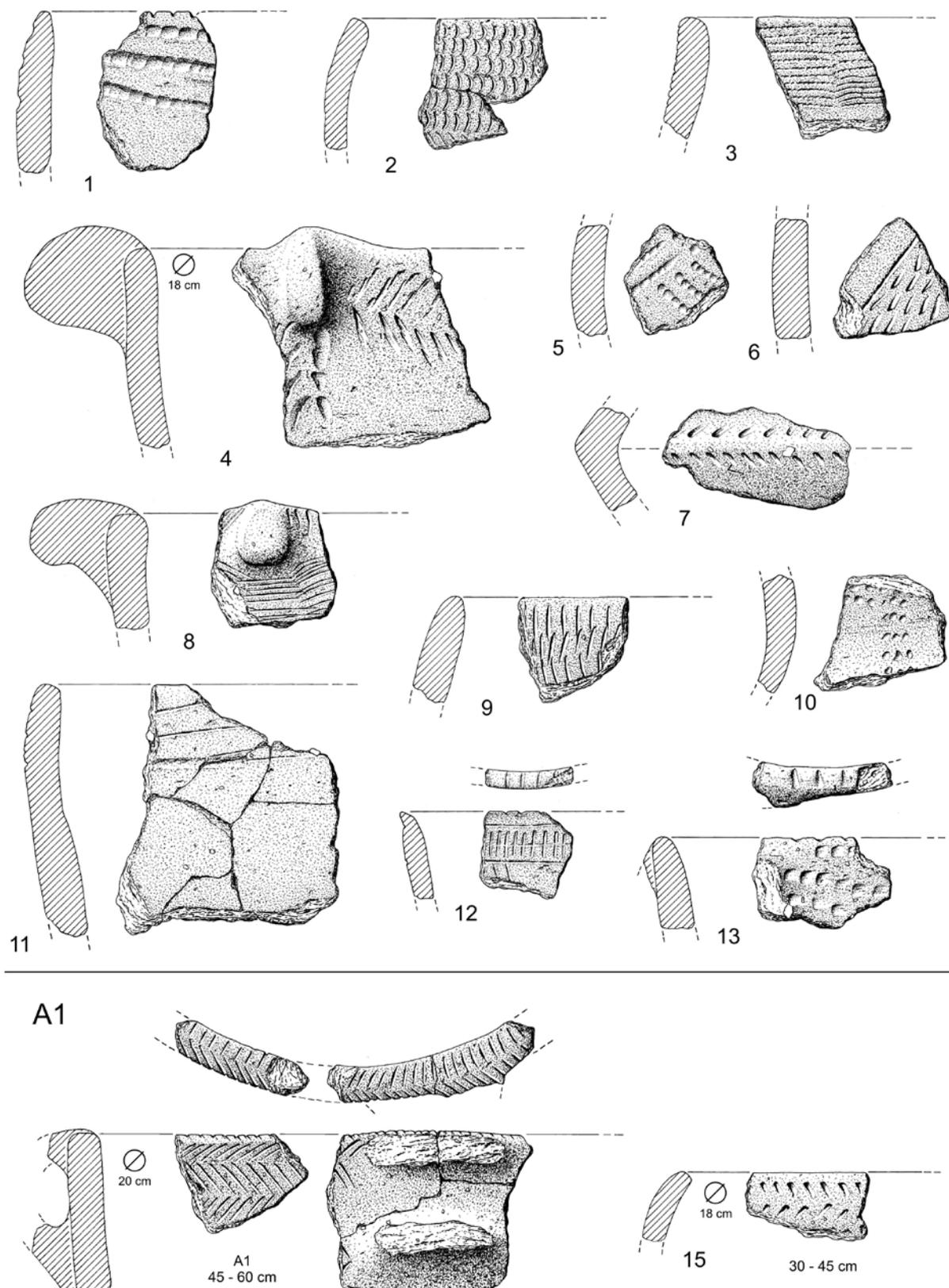


Fig. 23 – Cerâmica (materiais provenientes de recolhas de superfície de 2010 e da escavação do quadrado indicado). Desenhos de Filipe Martins.

extremidades de matrizes, aplicadas perpendicularmente à superfície a decorar, possuindo diferente morfologia, podendo corresponder a pequenas depressões em "V" (Fig. 20, n.º 7), a pares de impressões paralelas (Fig. 19, n.º 18); e a impressões trilobadas, associadas no mesmo recipiente a impressões sinusóides, produzidas com outra matriz, formando bandas paralelas (Fig. 18, n.º 4); as matrizes de menores dimensões poderiam ser facilmente obtidas a partir de caules de gramineas — os mesmos que produziram as linhas incisivas patentes em diversos recipientes anteriormente referidos, por vezes em associação com estas impressões.

Em alguns casos, observaram-se impressões oblíquas que, pelas irregularidades, sugerem a utilização de um caule fibroso, constituído por diversos segmentos:

- punção oblíqua de uma ponta arredondada: é comum, constituindo padrões simples, formando linhas horizontais tanto nas zonas de carena (Fig. 23, n.º 7), como no bojo dos recipientes (Fig. 19, n.º 17). No entanto, o padrão mais característico que recorre a esta técnica é designado por "falsa folha de acácia", para o distinguir da folha de acácia calcolítica, produzida por impressão, correspondendo à organização em bandas horizontais (Fig. 17, n.º 3) ou verticais (Fig. 23, n.º 4).

Enfim, os lábios de alguns dos recipientes encontram-se segmentados por impressões transversais (p. ex., Fig. 15, n.º 11; Fig. 16, n.ºs 1, 4 e 9; Fig. 17, n.º 1; Fig. 20, n.ºs 4–5, 7, 11–12, 14–16 e 18; Fig. 21, n.ºs 1–4), técnica decorativa que não se deve confundir com a utilizada no Neolítico Final da Estremadura, embora, muito depois, tanto no Bronze Final como na Idade do Ferro tal técnica volte a estar presente, correspondendo a fenómeno de convergência.

A referida técnica, que se aproxima do efeito produzido por decoração plástica, não se deve, naturalmente, confundir com ela. Com efeito, as decorações plásticas, além das presentes em alguns dos elementos de prensão acima aludidos, não é usual nos Cortiçóis, avultado um belo fragmento de pequeno esférico em que um pequeno mamilo, sem

funcionalidade prática, se implanta sobre o bordo do recipiente e junto de outro mamilo, este com perfuração (Fig. 21, n.º 11).

No conjunto, o que ressalta na decoração cerâmica dos Cortiçóis é a coexistência de técnicas distintas em um mesmo recipiente, dando origem a padrões compósitos, caracterizados pela diversidade e, nalguns casos, pelo barroquismo, correspondendo a conjunto de assinalada homogeneidade técnico-decorativa onde a componente cardial é residual, inscrito em fase adiantada do Neolítico Antigo, comparável a outros registos estremenhos (Cardoso, 2010), dos quais o mais bem datado é o do Carrascal (Oeiras), abrangendo todo o último quartel do VI milénio a.C. (Cardoso, 2011). No entanto, é notória a escassez de elementos com decoração penteada naquela estação, ao contrário do que se observa nos Cortiçóis, cuja cronologia deve ser, por tal motivo, mais recente, já integrada no V milénio a.C. A corroborar esta conclusão é de referir que tais produções têm paralelos formais nas camadas Ea (Neolítico Antigo Evoluído) e Da (Neolítico Médio) do Abrigo da Pena d'Água (Carvalho, 1998b) e nos tramos médio e superior da camada 1b da Costa do Pereiro, datada do intervalo de tempo compreendido entre cerca de 4200 e 3500 cal AC (Carvalho, 2008). Assim, a ocupação escavada nos Cortiçóis datará, muito provavelmente, de finais do V milénio a.C.

6. Traceologia de utensilagem lítica

A observação, atrás referida, de que alguns produtos laminares/lamelares apresentavam vestígios de utilização, impropria mas vulgarmente referidos como "lustre de cereal", logo testemunhando indirectamente a presença de práticas agrícolas, conduziu à selecção de uma amostra de artefactos líticos tendo em vista a sua adequada caracterização.

Tais peças, que viriam a ser de facto confirmadas como tratando-se de "elementos de foice" (Fig. 24), foram já objecto de um estudo próprio e integração nos dados actualmente disponíveis para a primeira agricultura do sul peninsular (Carvalho, Gibaja & Cardoso, 2013),

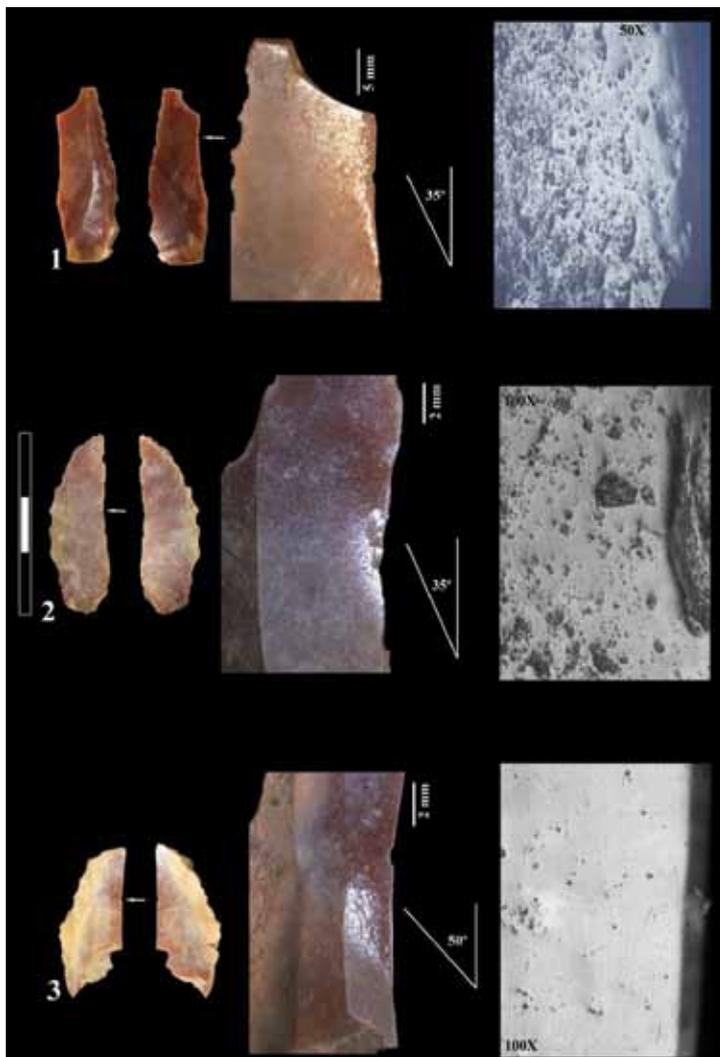


Fig. 24 – Três exemplares de “elementos de foice” analisados traceologicamente. Na coluna da direita dispõem-se ampliações (a preto e branco) do micropolimento resultante da ceifa de cereais; na coluna central dispõem-se ampliações ilustrando a disposição diagonal do “lustre de cereal” com indicação do ângulo respectivo.

pele que aqui se apresentarão apenas os resultados mais relevantes.

A metodologia empregue na sua análise encontra-se descrita no estudo referido, assim como as considerações funcionais que estas observações implicam ou as bases experimentais sobre as quais se produziram as conclusões ali apresentadas.

É no entanto importante referir que os traços de uso resultantes do corte de plantas são normalmente indiferenciáveis se os elementos líticos são usados durante um curto período de tempo. Neste estado, os micropolimentos não se apresentam muito desenvolvido e a distinção entre o corte de cereais e de outras plantas é bastante difícil. Porém, quando um maior grau de utilização é atingido, a ceifa de cereais cria uma série muito original de sinais de uso, claramente distinguíveis

das marcas deixadas pela colheita de outras plantas não lenhosas. Neste caso, obtém-se um micropolimento extenso, volumoso e homogéneo, que atinge por vezes as nervuras longitudinais da lâmina de sílex. Este micropolimento não é muito lustroso, mas apresenta uma trama muito densa que se estende pelas depressões da microtopografia da peça. No interior desta trama formam-se numerosas cavidades e estrias de diferentes formas e tamanhos (sobretudo se o corte da planta ocorreu junto ao pé do caule), e as chamadas “estrias em cometa” tornam-se muito comuns.

No caso dos Cortiçóis, os nove utensílios classificados como elementos de foice apresentam um forte brilho resultante provavelmente do efeito abrasivo dos sedimentos arenosos embalantes. Esta limitação impede um fácil reconhecimento do micropolimento gerado pelo processamento de matérias moles, tais como carne, peixe ou pele fresca. Todavia, o micropolimento observado está bem desenvolvido e estende-se ao longo da maior parte dos gumes dos utensílios, permitindo a sua classificação como marcas produzidas durante a ceifa (Fig. 24).

Os elementos de foice dos Cortiçóis apresentam também indicadores do modo em como eram encabados: os suportes (pequenas lâminas e lamelas) eram segmentados através de retoque abrupto em uma ou ambas as extremidades de modo a facilitar a sua inserção no cabo, originando utensílios formais classificados como truncaturas transversais ou diagonais. Este procedimento permitia a fácil substituição de qualquer peça que se perdesse ou danificasse durante o uso. Em termos dimensionais, estes elementos de foice variam em torno dos 3,0–4,0 cm de comprimento, 1,0–1,3 cm de largura e 0,2–0,3 cm de espessura, possuindo módulos relativamente normalizados, onde as opções de retoque estão claramente relacionadas com o modo de encabamento das peças líticas (ver conclusões).

A comparação das marcas de uso observadas nas peças líticas dos Cortiçóis com as resultantes de ensaios de arqueologia experimental permite-nos, em suma, concluir que estas foices foram utilizadas para a colheita de cereais. Não podemos porém excluir a possibilidade

de terem sido utilizadas também, de forma ocasional, no corte de outras plantas, tais como as ervas daninhas que infestam os campos cultivados; as dificuldades da identificação destas actividades menos sistemáticas resulta, precisamente, do facto de, sendo menos frequentes, não deixarem marcas suficientemente evidentes para o seu reconhecimento objectivo.

Outro aspecto interessante observado nos elementos de foice dos Cortiçóis é o baixo número de estrias observáveis. Isto significa que o tipo de agricultura cerealífera praticada implicava o corte dos caules na sua parte superior. Com efeito, se se praticasse o corte dos cereais na sua parte inferior, as partículas de argila e areia aderentes ao caule, mais abundantes perto do solo, produziriam estrias muito mais abundantes. Por consequência, podemos deduzir que parte do caule era propositadamente deixada no terreno para servir de fertilizante do mesmo ou de forragem para os animais. As partes remanescentes dos caules, levadas para o acampamento, poderiam ter sido utilizadas, entre outras finalidades, como material de construção, vestuário, forragem.

7. Considerações finais

1 – O sítio de Cortiçóis é a primeira estação do Neolítico Antigo evoluído do território português que se investiga na margem esquerda do vale do Tejo a montante dos célebres concheiros mesolíticos de Muge. Terá sido ocupada após abandono destes, pois deverá remontar a finais do V milénio a.C., a julgar por alguns aspectos estilísticos da sua produção cerâmica, tais como as decorações penteadas. No entanto, dada a proximidade do local aos referidos concheiros, é possível conceber duas hipóteses quanto à origem destas populações: ou correspondem aos descendentes dos derradeiros habitantes daquelas que, praticantes de uma economia de pura caça/recoleção, que terão dado origem aos grupos humanos que adoptaram, pela primeira vez na região, uma economia de produção (com destaque para a agricultura cerealífera); ou trata-se de uma componente populacional nova, exógena à região, e que aqui se

estabelece introduzindo o “pacote neolítico”.

2 – Por um lado, a análise comparativa dos materiais de superfície com os recolhidos em escavação e, por outro, a análise tecnológica do sílex observada no seio deste último conjunto, análises que foram apresentadas nas secções anteriores, permitiram identificar a existência de diferentes estratégias de gestão do sílex nos Cortiçóis: a importação de núcleos em curso de exploração e/ou de produtos alongados (sobretudo de módulo lamelar) acabados. Esta realidade aponta provisoriamente para a hipótese de a formação desta extensa estação arqueológica ter resultado de sucessivas ocupações do local por grupos que estariam em diferentes estádios de consumo do sílex. Esta hipótese é consentânea com observações obtidas noutras áreas geográficas da Estremadura — por exemplo, no Arrife da Serra d’Aire (Carvalho, 2003, 2008) ou no estuário do Baixo Tejo (Cardoso, 2010; Cardoso, Carreira & Ferreira, 1996; Cardoso, Soares & Silva, 2008) — segundo as quais os índices de mobilidade destas populações neolíticas eram ainda relativamente elevados e visavam a busca de territórios de ecótono, como é o caso das faixas ribeirinhas, no sentido de potenciar a exploração de recursos distintos mas complementares.

3 – A escavação não revelou quaisquer estruturas de carácter habitacional devido ao intenso revolvimento dos terrenos provocado pelas lavouras mecânicas, que atingiram quase 1 m de profundidade, até o substrato geológico, constituído por areias amarelo-esbranquiçadas, relacionadas com um baixo terraço da margem esquerda do Tejo. No entanto, a prova de que tais estruturas deveriam ter existido na área interencionada é fornecida pela recolha de numerosos termoclastos (seixos rolados de quartzito e de quartzo estalados pelo fogo), estruturados em empedrados que, depois de aquecidos, seriam utilizados como grelhadores.

4 – Entre o espólio, avulta a cerâmica decorada, especialmente a ornamentada por motivos de um evidente barroquismo, produzidos por incisão e por impressão de matrizes de diversas formas na pasta fresca da superfície dos recipientes, entre as quais as produções car-

diais. Tais motivos estão por vezes associados a decorações plásticas (mamilos, cordões em relevo). No seu conjunto, trata-se de uma produção cerâmica característica de fase evolutiva do Neolítico Antigo. A ocorrência de fragmentos com decoração penteada, com base nas ocorrências datadas no Maciço Calcário Estremenho, o Abrigo da Pena d'Água e a estação de ar livre da Costa do Pereiro, permitem situar a cronologia da ocupação dos Cortiçóis muito provavelmente nos finais do V milénio a.C.

As indústrias líticas são quase exclusivamente de sílex, matéria-prima que era explorada na margem direita do Tejo, especialmente na região de Rio Maior (de onde provinha a variedade castanho-avermelhada, muito frequente), a partir da qual se talharam diversos utensílios, com destaque para os característicos micrólitos (crescentes ou segmentos) utilizados como pontas de projectil e lamelas truncadas utilizadas como elementos de foice. Aspectos da sua tecnologia e da tipologia das utensilagens retocadas estão em conformidade com a proposta cronológica avançada.

Infelizmente, a natureza muito ácida dos terrenos não permitiu a conservação de restos orgânicos (conchas e ossos de animais), susceptíveis de fornecerem indicações precisas sobre as bases alimentares e a cronologia absoluta da comunidade ali sediada e, por conseguinte, a natureza mais ou menos prolongada, da respectiva ocupação.

Importa ainda assinalar, entre o espólio exumado, a presença de uma pequena enxó votiva em fibrolite, reforçando a utilização ritual deste tipo petrográfico, ainda não cabalmente identificado no território português em massas suficientemente volumosas susceptíveis de produzirem tais artefactos, desde o Neolítico Antigo.

5 – Não sendo objectivo deste artigo desenvolver comparações entre o espólio recolhido nos Cortiçóis e o recuperado nos concheiros mesolíticos de Muge, não se pode deixar de salientar dois aspectos importantes, entre outros, sobre as transformações tecnológicas que se operaram na região ao longo do VI e V milénios a.C. e para o conhecimento das quais

este sítio carrega dados importantes: 1) O par segmentos + lamelas de dorso, que caracteriza o Neolítico Antigo, terá surgido aparentemente nas etapas finais de desenvolvimento dos concheiros mesolíticos de Muge, seguindo-se ao predomínio sucessivo dos trapézios e dos triângulos, segundo a síntese de J. Roche (1972). De acordo com alguns autores, este par de armaduras será uma das “contribuições” mesolíticas para a formação do Neolítico Antigo do actual território português (p. ex., Manen & alii, 2007). 2) Os materiais líticos de Muge em exposição no Museu Geológico permitiram a G. Marchand (2001) o reconhecimento do talhe por percussão indirecta no Cabeço da Arruda e no Cabeço da Amoreira. Isto significa, como já afirmado a propósito das indústrias homólogas da margem oposta do Tejo (Carvalho, 2008), que o aparecimento do talhe por pressão associado ao tratamento térmico do sílex constitui uma transformação muito significativa em termos paleotecnológicos na passagem do Mesolítico para o Neolítico em Portugal, e que se encontra documentado nos Cortiçóis. Os trabalhos que se têm vindo a desenrolar recentemente em Muge (Bicho & alii, 2010) poderão carrear mais dados para esta questão.

6 – A análise da distribuição do retoque (truncatura e parte de um dos gumes) nos elementos de foice dos Cortiçóis indica que estas peças líticas eram encabadas com mástique, sendo que o retoque serviria para facilitar a inserção da peça no cabo e prevenir a daniificação deste durante o uso da foice, caso o elemento de sílex permanecesse aguçado na parte encabada. Por outro lado, a distribuição do polimento resultante do uso da foice (entre 35° e 50°, no gume oposto ao do retoque) indica que as peças eram inseridas na diagonal, paralelas umas às outras. Estas observações convergem na conclusão de que as foices em uso nos Cortiçóis se integram tipologicamente nas foices características do Neolítico Antigo do Sul da Península Ibérica (Andaluzia e Valência), e que contrastam com outras opções tipológicas documentadas para a Meseta Ibérica, Catalunha e Sul de França (Gassin & alii,

2010; Gibaja & alii, 2010). Esta integração alargada dos Cortiçóis, em termos geográficos e culturais, autoriza a conclusão de acordo com a qual as práticas e os produtos agrícolas que se têm vindo a identificar naquelas regiões peninsulares terão sido também os mesmos no actual território português (pelo menos a sul do Mondego) durante este período. Estas considerações encontram-se desenvolvidas noutro trabalho (Carvalho, Gibaja & Cardoso, 2013).

7 – As conclusões gerais, apontam, assim, para

uma comunidade constituída por algumas dezenas de pessoas, no máximo, habitando de forma sazonal o local, já que não foram encontrados elementos que indiquem uma ocupação peri-anual, como elementos de moagem de cereais. No entanto, dada a assinalável abundância de materiais exumados, e, em particular, o tamanho médio dos vasos, propícios ao armazenamento, pode admitir-se que se trataria de um ou vários grupos que, ao longo do ciclo anual, retornariam ao mesmo local. Enfim, a recolha de elementos de foíce, ilustra a primeira evidência na região da produção de alimentos.

Bibliografia citada

BICHO, Nuno Ferreira; PEREIRA, Telmo; CASCALHEIRA, João; MARREIROS, João; PEREIRA, Vera; JESUS, Luís; GONÇALVES, Célia (2010) - Cabeço da Amoreira, Muge: resultados dos trabalhos de 2008 e 2009. In GIBAJA BAO, Juan Francisco; CARVALHO, António Faustino, eds. - *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 11–22.

CARDOSO, João Luís (2010) - O Neolítico antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA BAO, Juan Francisco; CARVALHO, António Faustino, eds. - *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 23–48.

CARDOSO, João Luís (2011) - A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). In BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Miguel Ángel; MOLINA BALAGUER, Lluís, eds. - *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal a.C. en la Península Ibérica*. Valencia: Universidad (Saguntum Extra; 12), pp. 259–262.

CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2010) - Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Actas do Colóquio internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 65–95.

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque; FERREIRA, Octávio da Veiga (1996) - Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 9–26.

CARDOSO, João Luís; SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2008) - A ocupação do Neolítico antigo do povoado do Carrascal (Leceia, Oeiras). In CARDOSO, João Luís, ed. - *Octávio da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 16), pp. 247–267.

CARDOSO, João Luís; PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2012) - Primeira notícia sobre a estação do Neolítico Antigo de Cortiçóis (Benfica do Ribatejo, Almeirim). *Al-Madan eletrónico*. Almada. Série II. 17:1, pp. 177–180.

CARVALHO, António Faustino (1998a) - *Talhe da pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Colibri.

CARVALHO, António Faustino (1998b) - Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992–1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39–72.

CARVALHO, António Faustino (2003) - O Neolítico Antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case study da neolitização da Média e Alta Estremadura Portuguesa. In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 135–154.

CARVALHO, António Faustino (2008) - *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve.

CARVALHO, António Faustino; GIBAJA BAO, Juan Francisco; CARDOSO, João Luís (2013) - Insights into the earliest agriculture of Central Portugal: sickle implements from the Early Neolithic site of Cortiçóis (Santarém). *Comptes Rendus Palevol*. Paris. 12, pp. 31–43.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1953) - Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 37, pp. 37–44.

GASSIN, Bernard; BICHO, Nuno Ferreira; BOUBY, Laurent; BUXÓ CAPDEVILA, Ramón; CARVALHO, António Faustino; CLEMENTE CONTE, Ignacio; GIBAJA BAO, Juan Francisco; GONZÁLEZ URQUIJO, Jesús Emilio; IBÁÑEZ ESTÉVEZ, Juan José; LINTON, Jimmy; MARINVAL, Philippe; MÁRQUEZ MORA, Belén; PEÑA CHOCARRO, Leonor; PÉREZ JORDÁ, Guillem; PHILIBERT, Sylvie; RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Amelia del Carmen; ZAPATA PEÑA, Lydia (2010) - Variabilité des techniques de récolte et traitement des céréales dans l'Occident méditerranéen au Néolithique ancien et moyen: facteurs environnementaux, économiques et sociaux. In BEECHING, Alain; THIRAUULT, Éric; VITAL, Joël, eds. - *Économie et société à la fin de la Préhistoire. Actualité de la recherche. 7^e Rencontre méridionale de Préhistoire récente*. Lyon: Maison de l'Orient et de la Méditerranée, pp. 19–36.

GIBAJA BAO, Juan Francisco; IBÁÑEZ ESTÉVEZ, Juan José; RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Amelia del Carmen; GONZÁLEZ URQUIJO, Jesús Emilio; CLEMENTE CONTE, Ignacio; GARCÍA DÍAZ, Virginia; PERALES BARRÓN, Unai (2010) - Estado de la cuestión sobre los estudios traceológicos realizados en contextos mesolíticos y neolíticos del sur peninsular y noroeste de África. In GIBAJA BAO, Juan Francisco; CARVALHO, António Faustino, eds. - *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 181–189.

MANEN, Claire; MARCHAND, Grégor; CARVALHO, António Faustino (2007) - Le Néolithique ancien en Péninsule Ibérique: vers une nouvelle évaluation du mirage africain? In EVIN, Jacques, ed. - *XXVI^e Congrès Préhistorique de France. Congrès du Centenaire: un siècle de construction du discours scientifique en Préhistoire*, 3. Paris: Société Préhistorique Française, pp. 133–151.

MARCHAND, Grégor (2001) - Les traditions techniques du Mésolithique final dans le Sud du Portugal: les industries lithiques des amas coquilliers de Várzea da Mó et de Cabeço do Rebolador (fouilles M. Heleno). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 47–110.

ROCHE, Jean (1972) - Les amas coquilliers (concheiros) mésolithiques de Muge (Portugal). In *Die Anfänge des Neolithikums vom Orient bis Nordeuropa: Teil 5a, Westliches Mitteleuropa*. Köln: Böhlau, pp. 72–107.

TEIXEIRA, Carlos (1981) - *Geologia de Portugal. 1 – Pré-cámbrico, Paleozóico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.